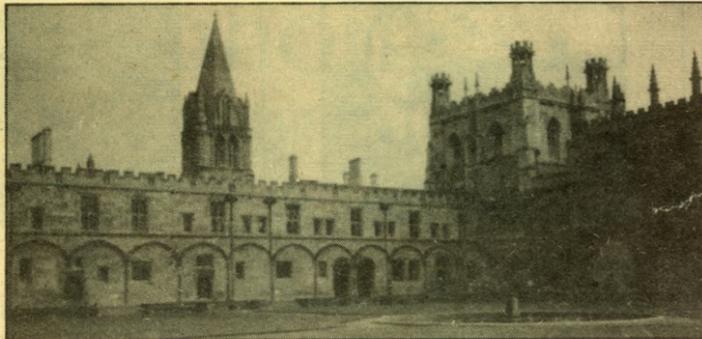


Foto: Graça Caldas



Três brasileiros freqüentam atualmente os laboratórios da Universidade de Oxford, na Inglaterra, que já deu 24 premiados com o Nobel e 24 ministros de Estado. Entretanto, na Ilha, fala-se em crise. Página 6.

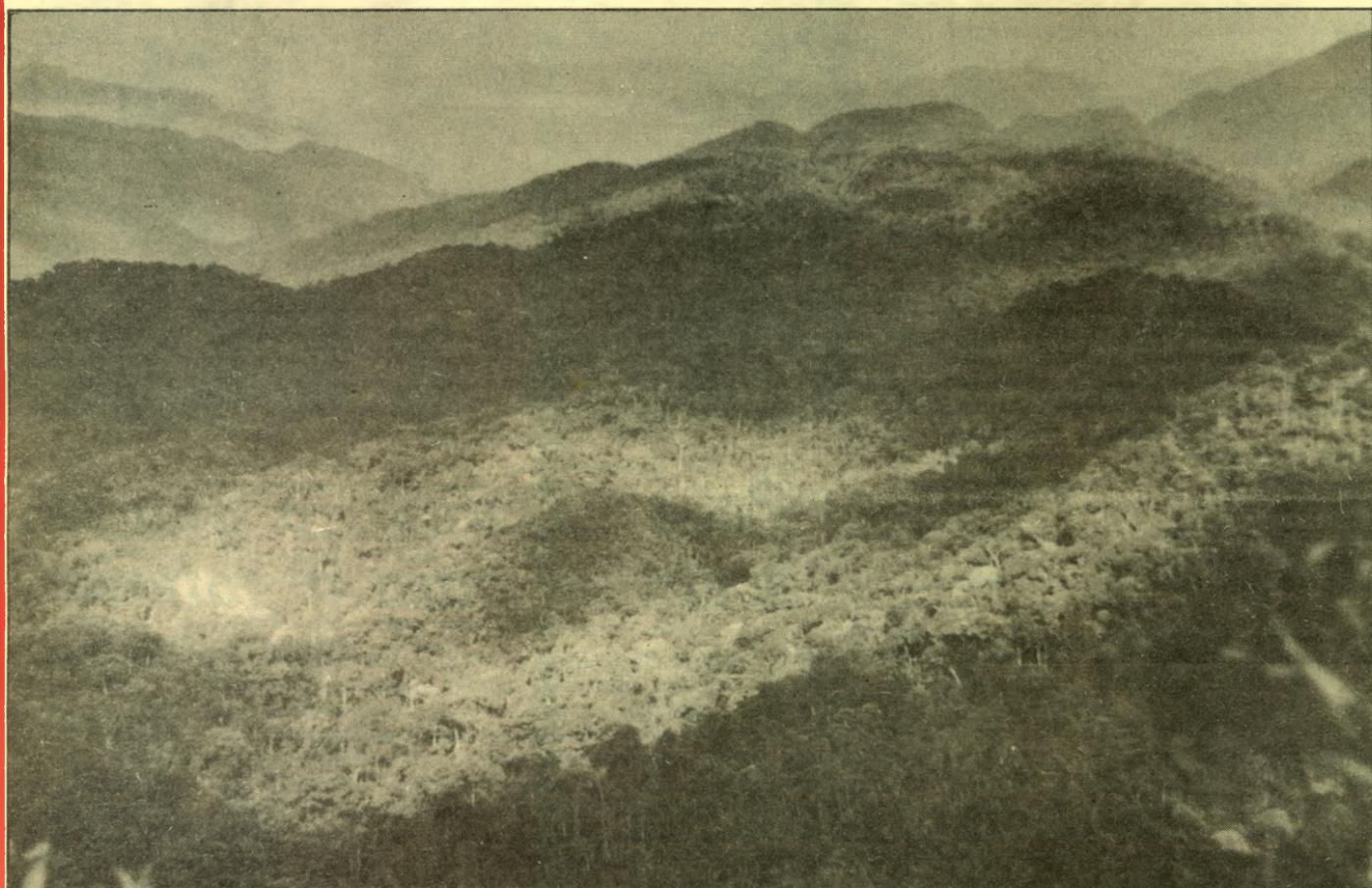
Unicamp prepara-se para a ECO-92

De 10 a 13 de dezembro, pesquisadores, técnicos e ambientalistas de 14 estados brasileiros reuniram-se na Unicamp para discutir as formas de preservação e restauração da Mata Atlântica. Embora seja a maior

reserva florestal costeira do mundo, a Mata foi severamente devastada nos últimos cinco séculos e, hoje, só resta 0,3% de sua área original. O seminário, organizado pela Unicamp e pelo Consórcio Mata Atlân-

tica, foi preparatório ao grande fórum de discussão ambiental que será a ECO-92, a realizar-se em junho próximo no Rio de Janeiro. Segundo o reitor Carlos Vogt, "a reserva da biosfera da Mata é um projeto

prioritário em nível nacional e internacional, com estratégias pedagógicas, na medida em que formará recursos humanos e mentalidade para a criação de outras reservas". Última página.



Trecho da Mata Atlântica próximo a Capão Bonito (SP), um dos poucos pontos que sobreviveram à devastação, conforme o mapa.

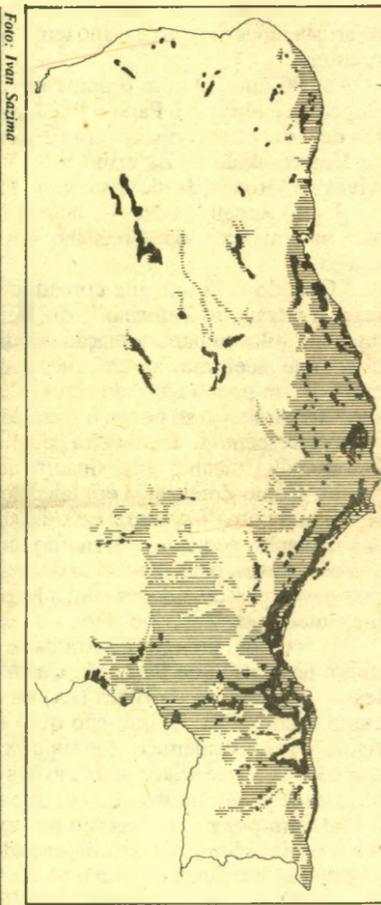


Foto: Ivan Sachina

O professor de economia sem economês

Professor do Instituto de Economia da Unicamp, Gilson Schwartz tem se notabilizado por seus artigos desmistificadores na *Folha de S. Paulo*, onde o economês não tem força de lei. Ensaísta, Gilson acaba de publicar novo livro, *Decifre a economia*, que em poucas semanas já chegou à terceira edição. Para ele, a recessão tem caráter punitivo e a retórica do crescimento a longo prazo lembra o Keynes que disse: "A longo prazo estaremos todos mortos". Página 3.



Gilson: a recessão como medida punitiva.

A face terrena da nova igreja das multidões

Para desenvolver sua tese de mestrado sobre os cultos eletrônicos no Brasil, a pós-graduanda Christina de Rezende Rubim, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Unicamp, tornou-se "membro interessado" da Igreja Universal do Reino de Deus, a seita dirigida pelo pastor Edir Macedo. Christina percorreu e analisou ainda diversas igrejas pentecostais. O império de Macedo inclui uma emissora de TV e 150 retransmissores pelo Brasil. Página 4.



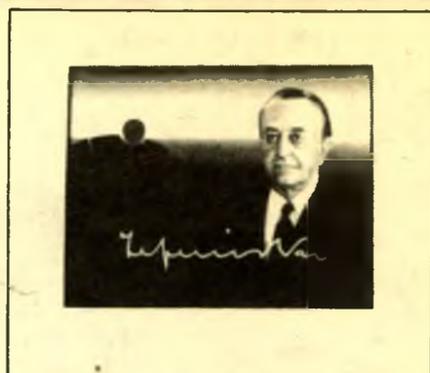
Christina diante de um templo da Igreja Universal.

Sul-coreano estuda a obra de José Lins

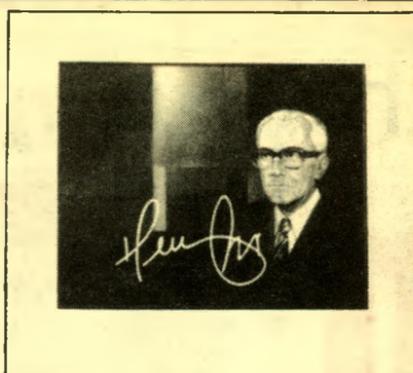
Enquanto se diz que o mundo perde interesse pelo Brasil, num país distante como a Coréia do Sul cerca de 280 estudantes de graduação e pós-graduação se dedicam a estudar a língua portuguesa e a literatura brasileira. É o caso de Jae Min Chung, 30 anos, que defendeu sua tese de mestrado sobre José Lins do Rêgo em 1977 e, desde o ano passado, encontra-se no Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp fazendo seu doutorado sobre a obra do mesmo autor. Página 5.



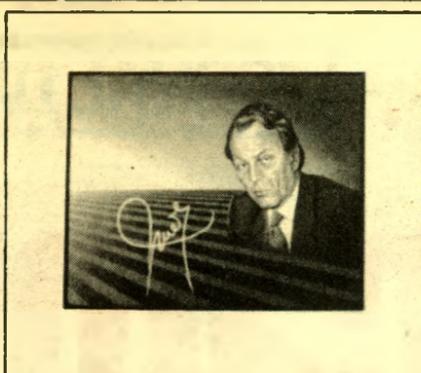
Jae Min: paixão pela literatura brasileira.



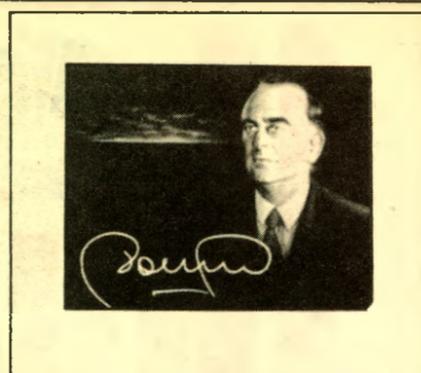
Zeferino, o primeiro a ser retratado.



O retrato de Plínio Alves de Moraes.



Pinotti, que teve a idéia da galeria.



Paulo Renato, quarto reitor da Unicamp.

Magnífico pintor de reitores

Arte livre não impede Caro de ser o pintor dos magníficos.

A nenhum artista agradaria o epíteto de "pintor oficial". Mas nada impede que um grande pintor — Goya ou Rembrandt, por exemplo — faça da pintura oficial uma arte e seja ao mesmo tempo um fator da renovação estética. Da mesma forma, nada impede que Bernardo Caro seja um grande artista moderno e ao mesmo tempo pinte reitores.

Aos 60 anos, e com o nome em enciclopédias e obras em Paris e Washington, são dele os retratos dos quatro ex-reitores da Universidade — Zeferino Vaz, Plínio Alves de Moraes, José Aristodemo Pinotti e Paulo Renato Souza —, hoje perfilados na ante-sala do Conselho Universitário.

"Quando o Pinotti me convidou para fazer o retrato do Zeferino", diz Bernardo, "me colocou numa situação difícil. Eu disse que aceitaria, desde que pudesse criar, ir um pouco além do retrato". Assim, Bernardo não só pintou o rosto de Vaz como acrescentou, de maneira peculiar, o logotipo da Unicamp e a assinatura do ex-reitor. Como Zeferino já era falecido, ele se valeu de uma fotografia. As dificuldades não eram pequenas: Bernardo pintara outros retratos, principalmente de artistas, mas nunca personalidades com a força representada por Zeferino Vaz.

Na verdade, cabeças e retratos se misturam na criação de Bernardo Caro, professor no Instituto de Artes (IA) da Unicamp desde 1982. O que não quer dizer figurativismo acadêmico: sua ruptura com o academismo foi selada no início dos anos 60. Desde então, muitos de seus trabalhos levantaram polêmica — como por exemplo o projeto *Sempre*, um conjunto de oito cabeças humanas do tamanho de "um fusquinha em pé", vencedor da Bienal Paulista de 1975. "Não são as cabeças da Ilha de Páscoa, são nossas ilhas, nossas cabeças": assim o artista define sua obra, que permaneceu — após a Bienal — 432 dias sob a ação do tempo no campus I da PUC de Campinas. "Naquela época", lembra ele, "alguns alunos me criaram certos problemas pois queriam que o reitor liberasse verbas para restaurar as cabeças". Evidentemente, isso não era necessário: a intenção era mesmo que as cabeças se degenerassem sob o sol e a chuva.

Bernardo Caro substitui, na seqüência,

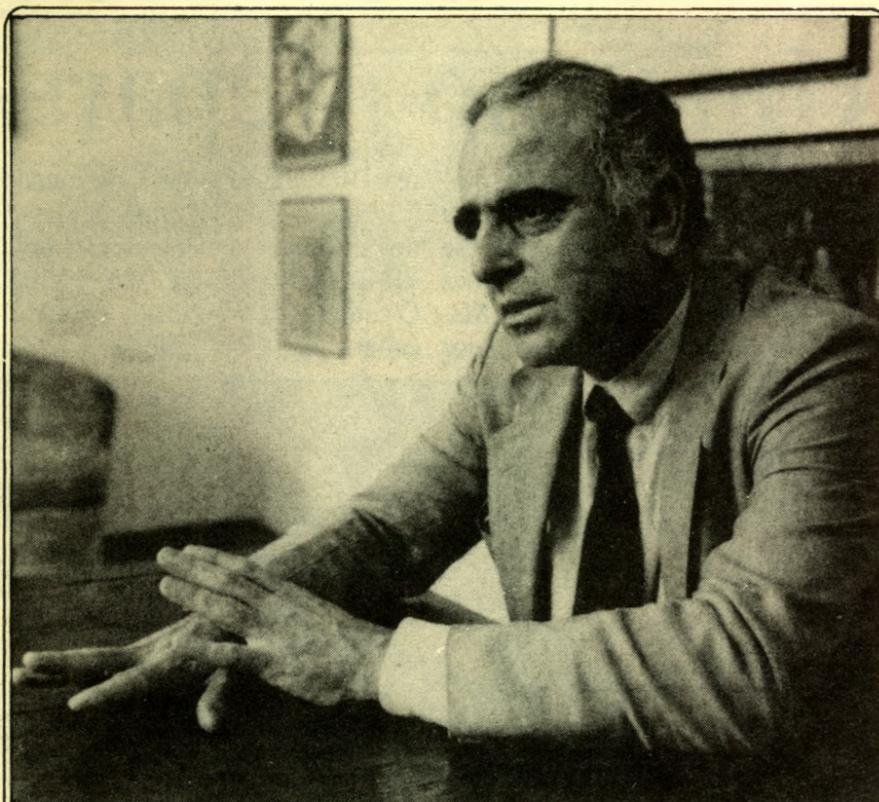
as cabeças de *Sempre* por cabeças de artistas de Campinas, entre eles Raul Porto, Tomaz Perina, Maria Helena Mota Paes e Paulo Roberto Vilasboas. Depois vieram os reitores, alguns deles bastante conhecidos do artista, outros nem tanto. Assim, os retratos de Plínio Alves de Moraes e do próprio Zeferino — com quem ele não havia convivido — foram uma espécie de "tiro no escuro".

Independentemente do retratado, Bernardo Caro utilizou-se sempre da técnica da tinta acrílica, já que uma das possibilidades técnicas, a pintura a óleo, ele desde cedo descartou devido a uma intoxicação com o produto. Então, o tracejado ficou excessivamente minucioso, um autêntico trabalho de chinês. Era tarefa para centenas, talvez milhares de horas de folga, à noite ou nos intervalos das atividades acadêmicas e administrativas, já que Bernardo, durante anos, dirigiu o Instituto de Artes da Unicamp.

Agora aposentado da Unicamp, onde entretanto se mantém como professor convidado, Bernardo encontrou melhores condições para pintar seu último quadro, o do economista Paulo Renato Souza. "Tive mais tempo para ficar em cima da obra", diz, "o que não ocorreu com outros reitores, quando varei madrugada para acabar os retratos. No caso do Paulo Renato, realmente gostei e curti o que fiz". Mesmo assim ocorreram problemas. Após permanecer 20 horas seguidas sobre a tela, Caro descobriu que estava com uma tendinite no braço. Até hoje faz fisioterapia para se restabelecer. Mas a obra foi concluída.

A parte desse trabalho episódico, que se repete a cada quatro anos, Bernardo busca seus próprios novos caminhos, já que um artista está sempre se renovando. Ele considera incerto o seu próximo trabalho, o que considera estimulante. Desde 86 ele vem apurando sua técnica do neolúdico (nome dado pelo músico Almeida Prado, pela semelhança de seu traço com o neon). "Sempre que existir uma cor, uma forma e um gesto, eu vou procurar me expressar, usando essa mesma cor, essa mesma forma e esse mesmo gesto", filosofa. "Depende do que me estimula".

Estímulo, aliás, não lhe faltou nestes 32 anos de atividade artística. Bernardo ganhou muitos prêmios, tanto no Brasil como no exterior, onde já apresentou trabalhos em pelo menos 10 oportunidades. Não contabiliza quantas obras fez, mas afirma que a maior parte está no ateliê que mantém há 19 anos, na travessa Coronel Rodovalho, no centro de Campinas. Dali saíram as obras — antigas e novas — que escolheu para sua próxima exposição, em Israel, no mês de março. (R.C.)



O ex-reitor Paulo Renato, hoje gerente de operações do BID.

Paulo Renato, o quarto a entrar para a galeria

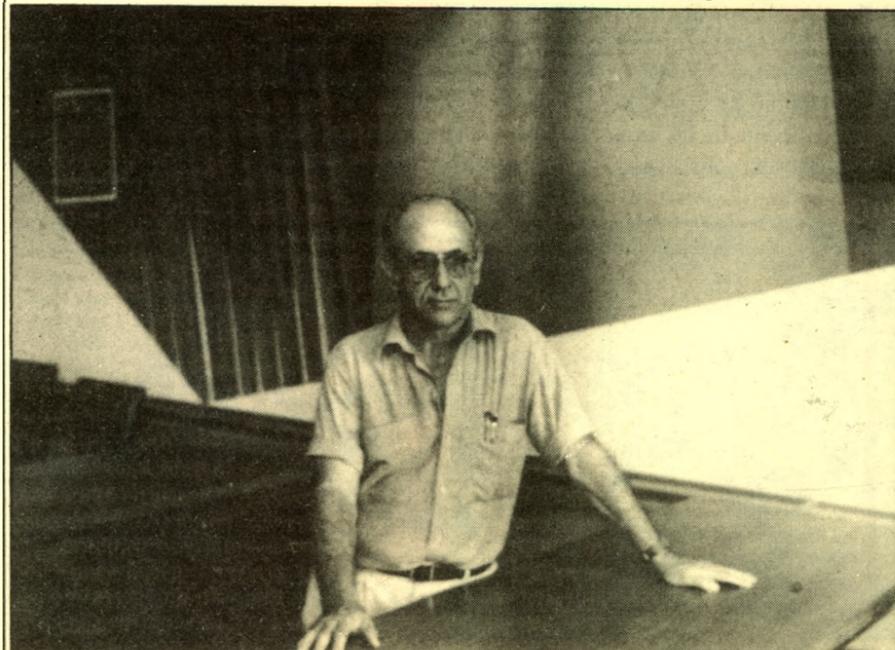
O economista Paulo Renato Souza, reitor da Unicamp entre 1986 e 1990, deixou por alguns dias, em novembro, a sofisticada sala que ocupa na sede do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), em Washington. Mais que uma visita, sua passagem pela Unicamp marcou a inauguração de seu retrato na galeria de ex-reitores, numa solenidade concorrida, realizada no auditório do Conselho Universitário. Emocionado, Paulo Renato disse que "esses oito meses nos Estados Unidos me deram uma nova perspectiva do trabalho e do país".

Durante a homenagem a Paulo Renato, o atual reitor da Unicamp, Carlos Vogt, mencionou os principais traços da administração de seu antecessor. Destacou a discussão e a definição da autonomia das universidades estaduais paulistas, que passaram a gerir com mais amplitude seus próprios recursos a partir de 1989. O reitor lembrou também o primeiro grande financiamento conseguido pela Unicamp, justamente quando

Paulo Renato dirigiu a Universidade, junto ao Eximbank. "Trabalhei com ele quatro anos e pude fazer o exercício do aprendizado da administração da Universidade", acrescentou.

Gerente de operações do BID, Paulo Renato é o terceiro homem na hierarquia do banco. Por isso, o trabalho que desenvolve nos EUA tem uma grande importância para o Brasil. Em consequência, também para a Unicamp, que pleiteia - junto com as duas outras universidades paulistas, USP e Unesp - uma verba de 250 milhões de dólares junto ao BID.

Maior cliente do BID, o Brasil tem a tradição de sempre ter honrado seus compromissos com o banco. Tanto que acaba de receber uma verba de 100 milhões de dólares, destinada à Finep, cuja maior parte — conforme ressaltou o ex-reitor da Unicamp — "será usada para um diagnóstico das necessidades brasileiras no campo da pesquisa tecnológica". (R.C.)



Bernardo Caro: a arte moderna não impede que pinte reitores.



FOTOLITOS E IMPRESSÃO
IMPRESA OFICIAL
DO ESTADO S.A. IMESP

Reitor - Carlos Vogt
Vice-reitor - José Martins Filho
Pró-reitor de Extensão - César Francisco Ciacco
Pró-reitor de Desenvolvimento Universitário - Carlos Eduardo do Nascimento Gonçalves
Pró-reitor de Graduação - Adalberto Bono M. S. Bassi
Pró-reitor de Pesquisa - Armando Turtelli Jr.
Pró-reitor de Pós-Graduação - José Dias Sobrinho
Este jornal é elaborado mensalmente pela Assessoria de Imprensa da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Correspondência e sugestões: Cidade Universitária "Zeferino Vaz", CEP 13081, Campinas — SP — Telefones (0192) 39-7865, 39-8394 e 39-8404. Telex (019) 1150. Fax (0192) 39-3848.
Editor - Eustáquio Gomes (MTb 10.734)
Subeditor - Amarildo Carnicel (MTb 15.519)
Redatores - Antônio Roberto Fava (MTb 11.713), Célia Piglione (MTb 13.837), Graça Caldas (MTb 12.91), Lea Cristiane Violante (MTb 14.617), Roberto Costa (MTb 13.751).
Fotografia - Antoninho Perri (MTb 828)
Ilustração e Arte Final - Oséas de Magalhães
Diagramação - Amarildo Carnicel e Roberto Costa
Serviços Técnicos - Clara Eli Salinas, Dulcinea Ap. B. de Souza, Edson Lara de Almeida, Hélio Costa Júnior e Sônia Regina T.T. Pais

Entrevista: Gilson Schwartz

O decifrador do economês

Na *Folha de S. Paulo*, quando se trata de clarificar para os leitores as complicações da economia brasileira, ele é o homem certo. Na Unicamp, onde é professor, consultá-lo tornou-se indispensável quando o assunto é a economia japonesa e do Pacífico Sul. Aos 31 anos, Gilson Schwartz já é um nome perfeitamente reconhecível na vasta galeria de analistas dos fenômenos econômicos de nosso tempo. Lançado há três meses, seu livro mais recente, *Decifre a economia*, já está na terceira edição. É a propósito de suas abordagens desmistificadoras que se deu esta entrevista com o *Jornal da Unicamp*.

Jornal da Unicamp - O sr. acaba de publicar um livro cujo título é *Decifre a economia*. É possível realmente decifrar uma coisa tão complexa como a economia brasileira?

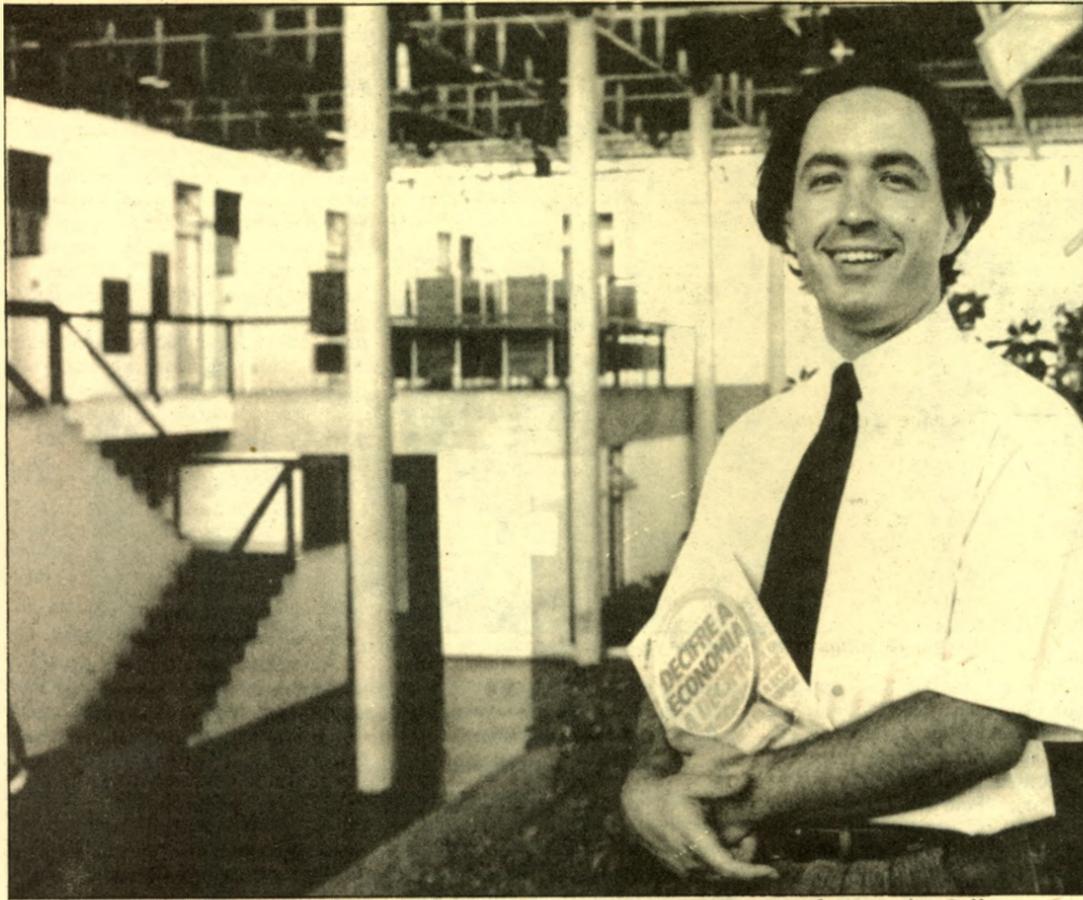
Gilson Schwartz - Eu acho que decifrar significa estar preparado para interpretar e ter consciência de que o futuro nunca é completamente previsível. Agora, um dos aspectos importantes de decifrar a economia brasileira é entender os limites da economia. Todo mundo pergunta: por que os pacotes não dão certo? Eu acho que é porque os economistas abusam da confiança das pessoas e acham que duas ou três receitas prontas, um pacote, vão resolver. Decifrar a economia é possível desde que você entenda que a própria economia tem limites.

JU - Já nos anos 40 um industrial, Roberto Simonsen, dizia que o problema da economia brasileira era basicamente um: o país não produzia tanto quanto necessitava. Em sua opinião, isso é verdadeiro ainda hoje?

Gilson - Eu acredito que sim. Hoje você tem uma grande vergonha nacional, que é o Brasil se transformar no terceiro maior importador mundial de grãos com essa extensão territorial, ou seja, existe capacidade, existem recursos, mas não se produz o suficiente. Eu acho que para entender esse fenômeno é importante fazer alguma coisa que aqui no Instituto de Economia da Unicamp sempre se deu valor, que é a interpretação da história brasileira. Eu acredito que definir o tipo de capitalismo brasileiro permite entender essa preocupação do Simonsen. Qual é a definição? A economia brasileira é um capitalismo de patrimônio, de acumulação patrimonial e não de acumulação de capital. O que acontece? Os maiores empresários e mesmo as multinacionais, ao invés de reinvestirem os seus lucros de forma dinâmica, acabam optando por formas estáticas, rígidas, de acumulação de patrimônio. O grande exemplo é o fato de que nos últimos 13 anos o ativo que mais se valorizou no Brasil foram terras, ou seja, um país dessas dimensões tem as suas terras utilizadas como ativo de especulação ao invés de ser um ativo de produção. As pessoas querem esse ativo como parte de um patrimônio para se defender e não como um instrumento para produzir. Eu acredito que essa grande definição do Brasil como um país de acumulação patrimonial é o primeiro passo para a gente entender quais são as medidas necessárias para mudar essa economia.

JU - Dadas as dimensões do país, de sua população e da contínua necessidade de gerar mais empregos, que argumento lógico sustentaria a posição do governo Collor de sanear a economia a partir da recessão? A solução não estaria, justamente, em fazer o país produzir?

Gilson - O governo Collor tem uma visão punitiva do processo econômico, como todo governo de inspiração autoritária — embora tenha sido eleito democraticamente. Como governo que tem uma vocação, um estilo autoritário, o presidente Collor enxerga na realidade sempre inimigos e enxerga no fracasso dos seus planos a conspiração alheia, uma visão paranóica do poder. Nessa visão você só consegue realizar seus planos se utilizar a violência, ou seja, se punir as pessoas por elas não se comportarem como você acha que elas têm que se comportar. Então, a re-



Gilson Schwartz: "O problema não é econômico nem político, mas de comunicação".

cessão é alguma coisa que já é consenso entre os economistas, não funciona como uma forma de você reorganizar uma economia, porque ela é destrutiva, mas pode funcionar como violência disciplinadora, como uma forma de colocar medo nas pessoas, tornar as pessoas inseguras e com isso praticamente enfraquecer as resistências delas às medidas que o governo pretenda implementar.

JU - Se há recessão, o mercado interno se retrai, portanto há menos consumo; conseqüentemente, não se investe em produção. A saída não seria encontrar novos mercados no exterior? Nossa má inserção no mercado internacional é uma coisa contornável, já que se diz que exportamos menos que a Suécia?

Gilson - Eu acredito que sim. A busca de mercados externos é um fator importante e nós temos grandes exemplos, especialmente na área da Ásia — que eu tenho estudado —, de países que eram tão ou mais po-

"Keynes dizia que a longo prazo estaríamos todos mortos".

bres que o Brasil e que já conseguem uma posição respeitável no mercado internacional. É o caso, por exemplo, da Coreia do Sul. Qual é o segredo? O segredo é que esses países procuraram fazer uma política de exportação com base em investimentos, educação, aumento da qualificação da mão-de-obra, financiamentos a linhas de novas tecnologias e estímulos do governo a setores considerados importantes — setores que teriam capacidade de entrar no mercado internacional. Eu acredito que há essa possibilidade. O exemplo da Coreia do Sul no campo da Educação é fascinante. Conseguiram-se lá, apesar de no contexto de um regime militar extremamente autoritário, resolver o problema de educação. Hoje você tem a Coreia como um país, depois do Japão, já com penetração no mercado mundial de chips eletrônicos. Ora, para se conseguir isso, exportar chips, penetrar nesse mercado, não adianta ter salário baixo, desvalorização cambial, recessão para forçar o empresário a exportar. Você tem que ter uma mão-de-obra qualificada e também uma sociedade capaz de consumir, também, um volume suficiente de produtos, para que a indústria produza em grandes escalas e com isso reduza os seus custos. Então, distribuição de renda, melhoria educacional e apoio inteligente do governo a setores competitivos são três elementos fantásticos, extremamente bem sucedidos nesses outros países que poderiam ser perfeitamente aplicados no Brasil.

JU - O que acontecerá se, a

exemplo do que ocorreu nos anos 80, a economia do país não reagir na década de 90? Esse perigo existe?

Gilson - O perigo existe. Nós temos casos de países da América Latina que já passaram por mais de uma década perdida. É o caso da Argentina, que passou pela experiência de três décadas perdidas. Qual é o resultado? O resultado é que você passa a excluir do desenvolvimento camadas cada vez mais amplas da população. Qual é a conseqüência prática? De um lado o surgimento de doenças, problemas de saúde pública generalizados, índices de mortalidade infantil generalizados, de violência também e, outro aspecto, também como outros países da América Latina, que é o que venho denominando de paralegalidade. Porque muitas vezes os economistas falam da economia formal e da economia informal. Eu acredito que quando você rompe o processo de desenvolvimento e entra em retrocesso, além da economia informal, você cria o universo da paralegalidade, ou seja, praticamente uma sociedade à parte das regras da sociedade existente, mas não só à parte — muitas vezes contra. É o caso das economias de droga, do narcotráfico, todas as estruturas que se montam para realizar corrupção no aparelho de Estado. Hoje, no Brasil, nós já temos conhecimento de processos de corrupção e de narcotráfico de produção de drogas que são escalas monumentais — uma revista publicou recentemente uma reportagem onde se dizia que a área do estado de Pernambuco dedicada à plantação de maconha equivale ao tamanho do estado de Israel. Ora, isso não é mais economia informal. É uma coisa que já está fora da nossa sociedade, é uma outra sociedade, mas que a nossa não consegue afetar.

"O governo Collor tem uma visão punitiva do processo econômico".

JU - A solução para o país está na economia ou na política?

Gilson - Eu acho que está na comunicação. Não só no Brasil como no mundo inteiro, as relações sociais são definidas por informação. Hoje estabelecer relações sociais significa ter acesso à informação e produzir informação. Eu acredito que tanto a economia quanto a política no Brasil ainda precisam caminhar muito do ponto de vista de se tornarem mais ricas em termos de produzir informação, de dar acesso à informação. As pessoas discutem muito o que é mais importante, se a economia ou a política, e acabam esquecendo que nós temos muito pouca informação sobre economia e política. O que quer dizer informação? Não é simplesmente

um registro, um programa de televisão. Significa debate, acesso à informação de uma forma compreensiva — daí a minha preocupação de fazer um livro que as pessoas entendam sobre economia. Não é simplesmente você ligar a televisão e receber a informação. Significa você ter acesso à produção de informação, entender a informação que existe. Nós temos aí, no caso, a idéia de informação, uma espécie de desdobramento, algo muito próximo da própria idéia de educação. Quer dizer, hoje os desenvolvimentos tecnológicos exigem pessoas cada vez mais informadas e cada vez mais capazes de produzir e administrar a informação. O nosso grande desafio como profissionais é criar novos espaços de difusão de informação, de discussão, de produção de informação.

JU - O desgaste a que os economistas foram levados nos últimos anos, em razão do insucesso dos sucessivos planos de estabilização econômica, tornou mais difícil a didática da economia das universidades?

Gilson - Eu acho que não só tor-

"A recessão é usada para amedrontar as pessoas e quebrar as suas resistências".

nou difícil a didática como tirou a nossa credibilidade. Hoje as pessoas já não acreditam tanto, mesmo o aluno de economia, que tem uma certa descrença na profissão que escolheu. Eu acho que é uma dificuldade muito grande, é um desafio muito grande a vencer e que eu acredito que só pode ser vencido de uma maneira: investindo pesado na interdisciplinaridade, mostrando para as pessoas que a economia não significa nada sem a informação, sem a educação, sem a política, sem a filosofia, sem a psicologia. É a interdisciplinaridade que criará o cidadão do futuro. Hoje o desafio não é mais ensinar bem a economia, mas mostrar como para aprender economia a gente precisa estar com os olhos abertos para as várias dimensões da realidade social.

JU - Você tem se notabilizado por cunhar diversos neologismos em economia para a *Folha de S. Paulo*. Será isso um sinal de que a economia está mudando tanto que a linguagem tradicional já não cobre seus movimentos?

Gilson - Eu acredito que sim. A idéia, por exemplo de acumulação patrimonial é um novo conceito, uma nova expressão. A idéia de instaglação também é uma tentativa de você transformar um conceito que já existe em algo que incorpore novas dimensões da nossa realidade. Há pouco tempo eu estive num seminário onde um professor francês, Pierre Salamaque — especialista em Brasil —,

também procurava redefinir hiperinflação para poder dar um novo conceito de hiperinflação, mais adequada à realidade do Brasil e da América Latina. Então, faz parte do nosso esforço de comunicação. Quer dizer, você dar importância a novas expressões, inclusive como forma de despertar nas pessoas a curiosidade, o interesse por uma realidade que infelizmente tem sido decepcionante, frustrante para a gente nos últimos anos.

JU - Você disse comunicação. O que esse seu livro pode decifrar? Como é que você quer levar essa mensagem para uma pessoa que não sabe nada de economia?

Gilson - O que eu quero mostrar é que a economia é uma linguagem usada em debate, em argumentação. Não é tanto a idéia de uma ciência cujas experiências são feitas em laboratório. É muito mais a de um discurso utilizado em conflitos políticos, públicos, sob prioridades. Então o livro objetiva mostrar para as pessoas como a retórica da economia é utilizada no dia-a-dia. Porque hoje, tão importante quanto você saber como fazer uma aplicação num fundão ou como pagar um aluguel, como se compra ou se vende dólar etc, é você entender o próprio discurso dos ministros e das autoridades, que é um discurso muitas vezes cifrado. Decifrar a economia é decifrar um discurso, desmontar uma retórica, para perceber por trás dessa retórica quais são os interesses em conflito.

JU - Como você decifraria hoje o discurso do ministro da Economia?

Gilson - O ministro da economia procura fazer o discurso do sacrifício em nome de um futuro distante. Quer dizer, vamos aguardar que a longo prazo, depois de todos os sacrifícios, a economia voltará a crescer e a inflação vai cair. Um economista que é meu tema de doutorado, sobre o qual tenho estudado nos últimos anos, o John Maynard Keynes, já dizia nos anos 20 que a longo prazo estaríamos todos mortos. De nada adianta dizer que depois da tempestade a maré vai estar tranqüila, se o barco afundou no meio da tempestade. Ele dizia isso. Essa é a grande lição dele: muito cuidado com o discurso que promete mundos e fundos, promete o paraíso a longo prazo. É preciso saber quem sobrevive no curto prazo. Essa retórica que o ministro utiliza hoje é uma maneira de camuflar o fato de que já estão ocorrendo perdas e perdas gravíssimas na nossa economia. E quando ele diz que vamos ficar tranqüilos, que no futuro tudo isso vai ser recuperado, na verdade ele está ocultando o que já está sendo perdido. Então a gente tem que, em contraposição a esse discurso, realmente se preocupar com o que está sendo sacrificado. Nos perguntarmos se é o caso de deixar esse sacrifício prosseguir. (R.C./E.G.)

Quem é Gilson Schwartz

Gilson Schwartz, 31 anos, professor da Unicamp desde 1985, é autor de três livros. O mais recente, *Decifre a economia* (Editora Saraiva, 1991), encontra-se na terceira edição. Os outros foram *J. M. Keynes, um conservador auto-crítico* (Brasiliense, 1984) e *Japão de olhos abertos* (Nobel, 1990).

Na Unicamp é professor no Instituto de Economia, onde coordena a área de estudos sobre o Japão e Pacífico do Centro de Relações Internacionais (Ceri). Graduado pela USP, Gilson Schwartz fez seu mestrado na Unicamp e se prepara para concluir o doutorado ainda em 1992, sobre as teorias econômicas a partir de Keynes. Já lecionou na PUC e na FGV.

Colabora com a *Folha de S. Paulo* desde 1985, quando passou a escrever uma coluna sobre economia — "Decifre o economês". De forma didática, Schwartz desnuda a economia, chegando a criar novos nomes para algumas situações, como a instaglação, uma mistura da instabilidade, estagnação e inflação. Pretende publicar um dicionário sobre economia ainda este ano, valendo-se de seus artigos publicados na *Folha*. (R.C.)

Tese dissecou seita pentecostal

Mestranda mostra prosperidade da igreja do pastor Edir Macedo.

A curiosidade inicial era desvendar os bastidores de religiões que se utilizam de recursos televisivos e, assim, mostrar as semelhanças desses cultos no Brasil em relação à igreja eletrônica norte-americana. O resultado é a dissertação de mestrado "A teologia da opressão", da carioca Christina de Rezende Rubim, de formação marxista e graduada em ciências sociais pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Orientada pelo antropólogo Carlos Rodrigues Brandão, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Unicamp, ela apresentou seu trabalho em novembro último. Ao contrário do que supunha, Christina encontrou características opostas entre as igrejas protestantes pentecostais dos dois países, fundamentadas como sendo de "cura divina".

Para chegar a essa constatação a antropóloga dedicou-se à intensa pesquisa em centros de documentação, documentários registrados em vídeo, leitura de jornais, artigos e livros, associados às observações dos cultos e grandes concentrações das quais Christina participou. Passados os primeiros meses do minucioso levantamento, a Igreja Universal do Reino de Deus (Iurd) começava a conquistar cada vez mais espaço com os seus cultos e reuniões nas grandes cidades, tornando-se com isso o eixo fundamental de sua dissertação de mestrado.

Traçando um breve histórico, a antropóloga relata que a Iurd ou Universal existe em todo o Brasil e para a pesquisa ela participou de cultos no



Christina: às voltas com o império de Edir Macedo.

Rio de Janeiro e adjacências, em São Paulo, Campinas, Itu e Paulínia. Seu líder máximo, Edir Macedo de Bezerra, segundo a antropóloga, se auto-intitula bispo (em grego, administrador). "Pelo que consta a Iurd surgiu em 1977, embora haja contradições a esse respeito. Na época, com a irmã deontea, dizem que Edir teve uma revelação de Deus: fundaria uma igreja".

Batizado no catolicismo e tendo frequentado candomblé, depois da revelação Edir deixou a Casa da Bênção, igreja pentecostal à qual pertencia, e deu origem à Iurd. A sede é o prédio de uma antiga funerária, no Rio de Janeiro. A pesquisadora explica ainda que o pentecostalismo é baseado em um episódio do cristia-

nismo, quando os discípulos de Cristo reunidos em um cenáculo começaram a falar em línguas estranhas.

Contagiando multidões

Entre as igrejas pentecostais que Christina percorreu está a Deus é Amor, do pastor Davi Miranda, em São Paulo e que, instalada onde antes era uma fábrica, se compara em tamanho à Basílica de Nossa Senhora Aparecida, em Aparecida do Norte. À medida que a pesquisa avançava, ela verificava que a Universal, embora não utilize diretamente recursos televisivos, conquistava maior espaço em emissoras de TV, através de programas jornalísticos sobre acontecimentos polêmicos. Era, portanto, a mais representativa para o trabalho.

O objetivo se voltava para o estudo e a compreensão do que é o fenômeno Iurd, suas características e peculiaridades, bem como avaliar até que ponto a Universal tem influenciado a vida de seus seguidores.

Constatou, por exemplo, que "a Universal tem um cuidado especial com a sua imagem: a igreja não tem poluição visual, imagens ou velas, é bem arejada, pintada com cores leves e decorada com plantas. É um local agradável de frequentar, que reúne centenas de urdianos". Enquanto mera participante dos cultos — que concentram massas de fiéis de diferentes idades, acompanhando sessões de exorcismo seguidas de transe coletivo — Christina observou o que pode ser considerado de "exploração da boa fé e dos sentimentos das pessoas". Porém, como cientista, ela avalia que "a Iurd funciona pela propaganda, a imagem produzida e a linguagem gestual executada nos cultos, passeatas, reuniões ou concentrações de poder e força em estádios de futebol".

Contribuição à antropologia

A pesquisadora diz ainda que enquanto os teóricos de antropologia ou sociologia acreditam que a Iurd não é uma religião, mas primeiro empresa e depois seita, Christina enfatiza que "é igreja e antes de tudo religião, porque forma unidade coesa e não algo com rotatividade. Minha contribuição ao campo das idéias da religião na antropologia é esse ponto, de que as pessoas na Iurd formam uma comunidade. Existe, é claro, o cliente que apenas recebe a graça e vai embora, enquanto quem é fiel permanece no núcleo".

Nos anos 70, de acordo com ela, os menos privilegiados da população — público alvo da Universal e outras igrejas da "cura divina", ao contrário do que se observa nos Estados Unidos — participavam de comuni-

dades de base e hoje vão à Iurd. Os motivos: é lá onde encontram identidade as pessoas discriminadas pelo desemprego, por exemplo; participação aos desesperançados a quem tudo é negado; e salvação, pois deixa de existir o sentimento da solidão, como constatou a pesquisadora.

Império com arrecadações

Isenta de tributação por ser considerada entidade sem fins lucrativos, a Iurd ou Igreja Universal do Reino de Deus mantém, por exemplo, templos em países como Estados Unidos, Argentina, Uruguai e Paraguai, além de Portugal e Espanha, relaciona Christina lembrando que Edir Macedo de Bezerra por várias vezes foi notícia no *New York Times* por causa das grandes concentrações — em documentário de televisão, registrou-se o "desafio aos fiéis, para que entreguem tudo o que têm, agora mesmo", gritava pelo microfone o líder da igreja.

Com base no material pesquisado, a antropóloga não hesita ao afirmar que a Iurd é uma multinacional. Seu império reúne uma emissora de televisão em São Paulo, com duas geradoras e mais de 150 retransmissoras no interior do Estado, além de gráfica, construtora e imóveis no país e no exterior. Embora utilize os recursos televisivos, Macedo prefere os estádios e multidões de fiéis, enquanto os evangelistas norte-americanos se utilizam da estrutura montada em torno da televisão. Billy Graham, Jimmy Swaggart ou Rex Humbart fizeram ressurgir, há algumas décadas, o "american dream" do pós-guerra mundial e tornaram-se inspiração para os líderes eclesiais de massa no Brasil. Em comum eles têm a característica de pregar o moralismo e acabarem envolvidos em situações que a sociedade qualificaria como ilícitas, observou a pesquisadora. (C.P.)

Marginais da poesia resistem no Nordeste

Eles são os piratas e cangaceiros da cultura.

Eles se misturavam com os vendedores de botões de rosas nas mesas de bar. Podiam estar também nas portas dos teatros ou em improvisadas barracas na Praça da República, na feira de Caruaru ou nas ladeiras de Olinda. Eram os chamados escritores independentes. Muitas vezes incompreendidos pela sociedade e não raro marginalizados pelas editoras, eles eram vistos de norte a sul do país na busca de compreender e testemunhar seu tempo, entre meados da década de 60 e o final dos anos 80. Essa legião de poetas-marginais acaba de se tornar objeto da tese de mestrado intitulada "De piratas e cangaceiros — um estudo sobre representações sociais no movimento independente de literatura do nordeste na década de 80", recentemente defendida pela antropóloga Angela Maria de Moraes Bertho.

O movimento marginal brasileiro — também denominado independente — se caracterizava pela abrangência de vários campos da atividade cultural: percorria o cinema, o teatro, a imprensa e a literatura. Em sua dissertação, defendida junto ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Unicamp, Angela concentrou seu interesse na literatura. "Querria entender o desenvolvimento histórico, com seus conflitos, diferenças e idéias dentro do processo dinâmico em que estava inserido", diz. Delectar a síntese das influências elaboradas, as propostas perseguidas e as mudanças ocorridas constituíram também elementos de investigação neste trabalho de pesquisa.

Símbolo de rebeldia de uma época repressiva, o movimento independente, na concepção de alguns pensadores, perdia o sentido com a abertura política da década de 80. De fato, o movimento arrefeceu tanto no sul quanto no centro-oeste. Entretanto, no nordeste o quadro não se apresentava exatamente dessa forma. Ao debruçar-se sobre livros e folhetins, Angela constatou que, ao contrário do que afirmavam alguns críticos, a poe-



Angela: as representações sociais da cultura independente.

sia marginal não só ganhava espaço como começou a se organizar através da realização do 1º Encontro Nacional de Escritores Independentes (Enei), promovido em Fortaleza, em 1981, e da sua segunda edição realizada em Recife no ano seguinte.

Ceará e Pernambuco

Após essa constatação, Angela definiu seu campo de ação. A partir de endereços de escritores independentes obtidos em um catálogo ocasionalmente encontrado numa mala de livros de uma poetisa marginal, a pesquisadora iniciou os primeiros contatos que culminaram com três viagens a Recife e Fortaleza. Na pauta das reuniões — boa parte nas mesas de bar em que os escritores batalhavam a venda de seus livretos — discutia-se a história da criação dos grupos, a busca das raízes, a influência da cultura local no movimento literário e o cotidiano das pessoas que produziam essa arte.

Pouco a pouco Angela foi desvendando os bastidores do universo desse movimento cultural. Abordou dezenas de escritores que produziam artesanalmente suas publicações, algumas mimeografadas, outras em pequenas gráficas instaladas em fundo de quintal. "Pouco importava a apresentação do produto final", diz a pesquisadora. "O que valia é que

eles quebravam o silêncio e desafiavam a censura".

O alagoano Angelo Monteiro foi um dos nomes de que a pesquisadora se valeu na busca de elementos para sua dissertação de mestrado. Angela analisou o livro *Tratado da lavação da burra* — ou *Introdução à transcendência brasileira*, que se apresenta na forma de sátira através de tom irônico e surrealista (*ver quadro ao lado*). Segundo ela, o autor perpassa arquétipos culturais e mazes nacionais, constituindo-se assim em uma alegoria da busca de sorte.

Diferenças regionais

Ao longo do trabalho, a pesquisadora analisou mais detalhadamente os quatro grupos literários de maior expressividade no nordeste. De Recife, ela debruçou-se sobre "Piratas" e "Independentes", movimentos que, por estarem baseados em uma metrópole, assemelhavam-se bastante à produção literária do sul do país, ou seja, expressando a miséria, a degradação humana e a censura política. "Foram movimentos que instrumentalizaram a literatura como forma de denúncia".

No Ceará, Angela centrou-se na análise de dois grupos: "Nação Cariry" e "Arsenal de Cultura". O primeiro grupo constituiu-se numa exceção dentro do movimento literário

Da 'Lavação da burra'

A seguir, trecho do poema "A burra e a cansada inocência", de Angelo Monteiro, extraído do livro Tratado da lavação da burra (Edições Bagaço).

"Nascemos velhos: e isso para nós é ter futuro. Futuro é o que não nos falta: possuímo-lo até demais. Será pela vantagem de nascermos velhos que a nossa tolerância jamais se quebra, ainda diante do que nos espolie, nos deforme e nos degrade? Só estranhemos a nossa própria face. Esta parece ser a nossa fundamental estranheza. Tivemos alguns Canudos — e isso há muitos, muitos anos — mas para nos contentar basta macunainamente o selo na carne de um herói sem caráter".

"Lavação da burra": ilustração.

independente. Alheio à tentativa de dominação por parte das elites, "Nação Cariry" repensou a cultura popular em termos teóricos e com postura crítica. O movimento denunciava a "indústria da seca", criticando ainda o uso indiscriminado da natureza.

O "Arsenal de Cultura" posicionava-se criticamente contra os escritores consagrados que ignoram os que pretendem ingressar no campo da literatura. O editorial da primeira edição da revista do grupo cearense criticava também o fato de se medir cultura pelos padrões estéticos da Rede Globo ou pelas orelhas (mal digeridas) de autores importados. Juntos, os elementos pertencentes a esses grupos lançaram um manifesto onde negaram a folclorização e a caricatura a que estava submetida a cultura nordestina.

Apesar de algumas diferenças, o estudo afirma que os quatro grupos do eixo Ceará-Pernambuco criticavam o modelo de modernidade brasileiro, em cujo pólo hegemônico — o sudeste — pasteurizava-se a cultura de massa, sufocando produções próprias de outras regiões. "Os movimentos tinham em comum a tentativa de resistir às imposições da indústria cultural. Reivindicavam as diferenças e negavam as desigualdades", explica a pesquisadora que realizou o trabalho sob orientação da

professora Guita Grin Debert.

Definida por alguns estudiosos do tema como poesia "sórdida", de baixo nível literário, subliteratura e "lixeratura", a literatura independente, também chamada de pirataria e cangaço, segundo Angela, assaltou de surpresa o espaço restrito da literatura no país — de poucos para poucos. A resposta violenta à violência foi o que teria entevisto Cacasó, poeta teórico marginal carioca por ela citado: "Não há na violência/ que a linguagem imita/ algo da violência/ propriamente dita?"

Literatura de cordel

Ao fazer a incursão pelo movimento independente do Ceará, a pesquisadora não deixou à margem a literatura de cordel, que tem em Patativa do Assaré um dos principais expoentes do gênero. Segundo Angela, o cordel entra em seu estudo através de poetas que usavam essa forma como identificação poético-política. "Um meio de afirmação de compromisso político com as classes populares", diz. Encerrado o trabalho, Angela reuniu um acervo com cerca de 200 títulos de livros e folhetos relativos à poesia marginal. Todo o material, doado à Universidade pela pesquisadora, passa por trabalho de catalogação na biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Unicamp. (A.C.)

A aventura brasileira de Jae Min

Sul-coreano prepara tese sobre a obra de Lins do Rego.

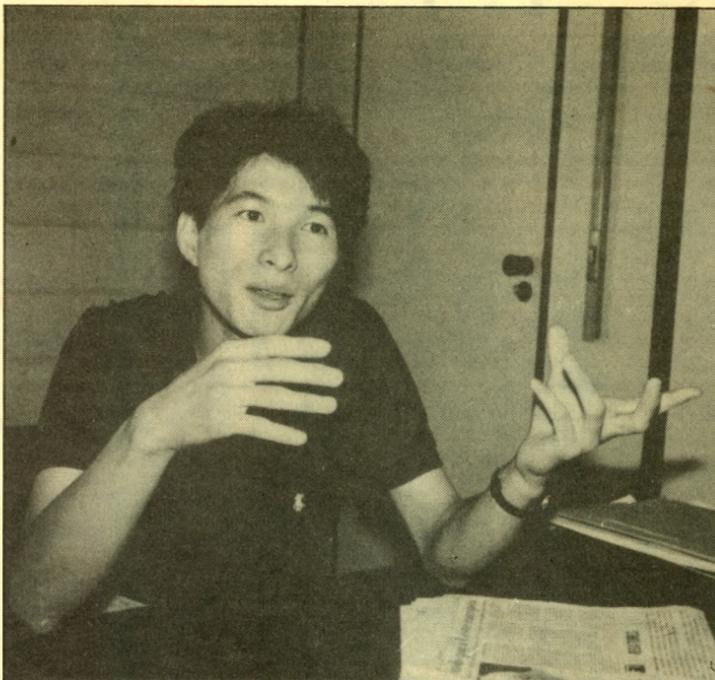
Para o Brasil, a literatura sul-coreana não existe: não há notícia de nenhum romance ou ensaio daquele país traduzido aqui e, nas universidades brasileiras, não se sabe de qualquer aluno que tenha escolhido o romance sul-coreano como tema de sua dissertação ou tese. Essa realidade, entretanto, é injusta, pois a recíproca não é verdadeira. Há na Coreia do Sul 280 alunos regularmente matriculados em disciplinas de língua portuguesa e literatura brasileira, cinco dos quais preparando teses em cursos de pós-graduação.

Um exemplo consumado deste surpreendente interesse é Jae Min Chung, 30 anos, que há quatro anos completou seu mestrado na Universidade de Seul com uma tese sobre José Lins do Rego e desde o ano passado encontra-se fazendo doutoramento no Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp sobre o mesmo tema.

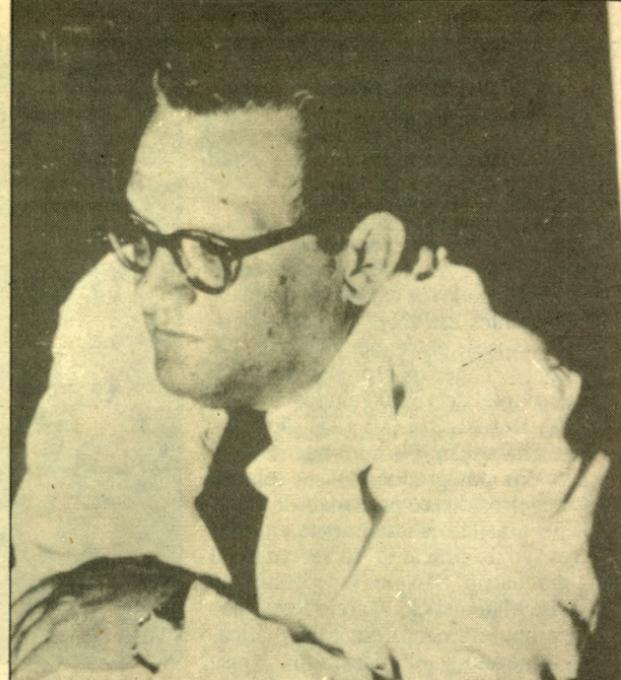
O interesse de Jae Min pela literatura brasileira, assim como o da maioria dos estudantes sul-coreanos que optam por essa disciplina, tem raízes no fascínio que o Brasil desperta em muitas regiões da Ásia: as dimensões continentais, a fama de país alegre e ensolarado, o exotismo da realidade latino-americana. Quando se tratou de escolher uma literatura estrangeira para opção curricular, uma decisão foi facilitada pelos conselhos de um parente que é professor de espanhol. "Escolha o Brasil", disse-lhe. Jae Min não hesitou e, no Departamento de Literatura de Língua Portuguesa, teve o estímulo de um professor brasileiro, o mineiro Edson Dias Ferreira.

Clube de conversação

Foi ele quem lhe deu para ler o *Menino de engenho*, de José Lins do Rego, primeiro romance brasileiro com que teve contato. O livro encantou Jae Min, que passou a frequentar o "clube de conversação" comandado por Edson, seu amigo pessoal daí por diante. Ele fazia progressos rápidos e passou a ser estimula-



Jae Min: fascínio pelo Brasil e sua literatura.



José Lins do Rego em foto de 1950.

do também por uma professora do Departamento de Inglês, Cremilda Lee, brasileira de nascimento.

Tudo isso ainda na graduação. No curso de pós-graduação, Jae Min não tinha a menor dúvida de que se dedicaria à literatura brasileira e, no seu contexto, a José Lins do Rego — mais especificamente aos romances de compoê o seu "Ciclo da Cana-de-Açúcar": *Menino de engenho*, *Doidinho*, *Bangüê*, *Moleque Ricardo*, *Usina* e *Fogo morto*. Naturalmente, diversificou-se em leituras extra-curriculares. Leu José Mauro de Vasconcelos, cujo *O meu pé de laranja* de Acaçaba; de ser *O meu pé de laranja*, na Coreia; interessou-se por Graciliano Ramos (especialmente *Vidas secas*); e até se aventurou, embora sem êxito, pelo *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa.

Os anos de mestrado foram memoráveis e agitados: nos intervalos da redação de sua tese sobre José Lins, ele ajudava a armar barricadas no pátio da Universidade e não costumava perder as manifestações contra o ditador Chun

— hoje fora do poder. Jae Min orgulha-se de ter sido o primeiro mestrando do Departamento a concluir o curso: obteve nota máxima.

Tese defendida, seu plano era matricular-se imediatamente num curso de doutorado, de preferência no Brasil. Mas esse projeto teve de ser adiado por causa do serviço militar obrigatório, que na Coreia dura 27 meses. Tão logo recebeu baixa, escreveu para três universidades brasileiras: a USP, a UFMG e a Unicamp. "Escolhi a Unicamp porque a sua resposta me pareceu mais simpática", diz Jae Min. Entretanto, pesou nessa escolha a opinião do amigo Edson, que em sua época de estudante da Linguagem não era desconhecido.

Ao contrário da maioria dos 354 alunos estrangeiros de pós-graduação que estudam na Unicamp, Jae Min veio por sua conta e risco, sem qualquer bolsa ou apoio governamental. Matriculou-se como aluno especial e para sobreviver empregou-se como redator do diário *Dong-A* (Ásia Oriental), jornal da colônia coreana em São Paulo, onde mora com a também

sul-coreana Ji Soo Chung Park, que o acompanhou na viagem e com quem se casou no ano passado. Em 1991 obteve a bolsa da Capes, já agora como aluno regular.

Orientando da professora Eni Yatsuda, Jae Min começa a arregaçar as mangas para seu novo mergulho na obra de José Lins, desta vez sob uma abordagem diferente: as estações entre tempo e memória. Para isso ele partirá de uma obra autobiográfica do autor, *Meus verdes anos*. Espera ter tudo concluído dentro de no máximo três anos.

E depois? Jae Min tem um sonho em perspectiva: vir a ser professor de literatura brasileira numa universidade sul-coreana, quem sabe na de Seul, quem sabe em Yong-In. Ele se dedicaria a dar aulas e a traduzir algum autor brasileiro, Machado ou Graciliano, Drummond ou Bandeira. E se alguém lhe perguntar por que não permanecer no Brasil, Jae Min sorri, não diz nada. Diz somente que, antes de voltar, quer conhecer os lugares em que José Lins se criou e descreveu em seus romances. (E.G.)

Stress leva papagaio a imitar fala humana

Cativeiro e solidão são as causas, diz pesquisa.

O stress não é um "privilegio" das grandes comunidades urbanas pressionadas pelo tempo e pela velocidade. Colocadas num contexto semelhante, isto é, em convívio direto e forçado com o habitat do homem, também as aves podem sofrer do mesmo mal.

Assim, engana-se quem ainda acredita, por exemplo, que os papagaios que vivem em solitário são aves felizes. A loquacidade, segundo o ornitólogo Jacques Vielliard, é um meio que os papagaios usam para combater o stress a que são vítimas quando fora de seu habitat natural. "Quando não estão em seu próprio ambiente, essas aves não imitam qualquer tipo de som", explica Vielliard, diretor do Laboratório de Bioacústica do Instituto de Biologia (IB) da Unicamp. Diante disso, como a comunicação é por vezes uma premência humana nas grandes aglomerações, também a prisão leva o papagaio a uma irremediável necessidade de se comunicar. "E ele o faz reproduzindo sons semelhantes aos emitidos pelo homem", acrescenta o ornitólogo.

De acordo com o pesquisador, os papagaios possuem um forte senso comunitário com o seu grupo. No cativeiro, eles imitam a voz humana não por serem bem tratados, mas sim para compensar de algum modo a falta de comunicação com o seu habitat. Jacques Vielliard, que há doze anos estuda o papagaio, diz que há criadores bem intencionados, acreditando que estão tratando bem a sua ave. O que ocorre, no entanto, segundo suas observações, é que quando de seu cativeiro a ave "fala" porque está fora de seu habitat natural, o que acaba submetendo-a a um stress muito forte. Graças a sua espantosa capacidade para assimilar sons, depois de decorar alguns deles, o papagaio passa a repeti-los exaustivamente na tentativa, talvez, de chamar a atenção de seu dono para o estado em que se encontra. Ele acentua que, enquanto as galinhas e os pássaros-pretos podem imitar os sons de outras espécies para atrair a fêmea, só no cativeiro os papagaios repetem sons estranhos ao seu meio. "É uma maneira de compensar a perda de sua liberdade", avalia o pesquisador da Unicamp. Por melhor que seja o tratamento que recebem, eles acabam sofrendo efeitos do isolamento.

Vielliard diz que o fato de os papagaios imi-



Jacques Vielliard em trabalho de campo.



A fala como recurso contra o stress.

tarem a voz humana não significa, propriamente, que estejam querendo estabelecer com o homem uma comunicação de espécie a espécie. O que acontece, segundo ele, é que a ave passa a associar sons a contextos comportamentais. Por exemplo: se o papagaio repete "loro" quando o dono se aproxima dele, deve-se ao fato de ter o poder de associar esse som à presença da pessoa. Acontece que, uma vez retirado de seu habitat, o papagaio, ansioso por se comunicar, tentará imitar os sons que mais se assemelham ao seu repertório natural.

Há, segundo o pesquisador, espécies de papagaio que emitem sons graves, parecidos aos da voz humana, o que lhe possibilita imitar também a voz de seu dono. (Já as espécies de voz estridente, como o Galego e o do Mangue, imitam de preferência campainhas ou latidos de cães que são mais comuns.) "Tudo é influência do meio", observa Jacques. "Adrescendo, porém, que "o papagaio é uma ave extremamente sociável. A organização social dessa espécie de pássaros é complexa. Os saís levam uma vida gregária, ficando juntos

por muitos e muitos anos, quando não pela vida inteira".

Segundo o pesquisador da Unicamp, à noite — quando em seu habitat natural — os papagaios costumam reunir-se em bandos para "conversar", provocando uma grande algazarra, não-se a impressão de haver casais de les e não apenas meia dúzia de casais. A necessidade de comunicação é imperativa para eles, como para várias outras aves, observa Vielliard. Para o ornitólogo, o principal elemento de sua interpretação quanto à loquacidade do papagaio é que a capacidade que a ave tem de falar acaba revelando o grau de degradação do meio ambiente.

Depois de anos estudando essa ave, o pesquisador é categórico ao afirmar que a maior parte das teorias existentes a respeito da linguagem desenvolvida pelo papagaio não passa de impressões subjetivas. "Há quem insista que através de um treinamento o papagaio consiga comunicar-se com o homem. Mas tudo isso não passa de simples e empíricas teorias populares, sem qualquer comprovação científica", garante Vielliard. E faz uma denúncia: "A fala do papagaio e outras ações denunciam que essas espécies estão na realidade sofrendo com o desequilíbrio ambiental, que fatalmente acaba afetando também a vida do próprio homem. Significa o grau de degradação a que o meio ambiente está sujeito". (A.R.F.)

Papagaio galego: perfil

Nome popular: Papagaio-galego, papagaio-goiaba, papagaio-de-barriga-amarela. Família: Psittacidae

Nome científico: *Amazona xanths*. Habitat: Vive no cerrado, *amazônia e mata de galeria, do Piauí à Bahia, Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso até o oeste de São Paulo.*

Hábitos alimentares: Alimenta-se de frutos do cerrado e da caatinga, de sequeiros e pequenos frutos silvestres. Diz-se que os papagaios não gostam de frutos de sabores amargos e o que escolhem para comer tam-

bém é bom para os homens.

Reprodução: Costuma fazer seus ninhos em cupinzeiros, de palmeiras ou buracos em cupinzeiros. A fêmea põe de dois ou três ovos. É o casal, quase sempre juntos, que cuida dos filhotes que nascem nus e cegos.

Particularidades: É o menor dos papagaios brasileiros do gênero *Amazona* e mede apenas 26,5cm. Tem muitos caracteres diferentes de seus parentes próximos e talvez, no futuro, venha a ser classificado num gênero diferente. Voa em bandos de até algumas dezenas de aves e era muito comum em sua área de distribuição. (A.R.F.)

Da Unicamp para Oxford

Dos 35 brasileiros na universidade inglesa, três são da Unicamp.

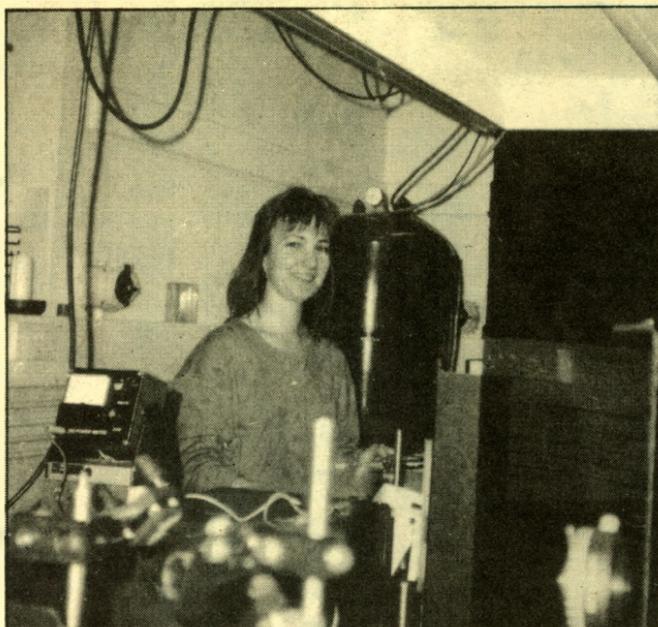
A atração que a Universidade de Oxford exerce sobre os alunos de diferentes nacionalidades pode ser aferida pelos quase 2.400 estudantes estrangeiros provenientes de 107 países, entre eles o Brasil. Os estudantes estrangeiros representam 18% do universo total de 13.500 alunos da Universidade. Desses, 3/4 (10.125) são estudantes de graduação. No contingente total de 3.375 dos pós-graduandos, a relação dos estrangeiros cresce para mais de 30%.

Dos 35 brasileiros atualmente em Oxford, três são da Unicamp, todos em nível de pós-graduação. São eles o professor do Instituto de Matemática, Márcio Rosa, que faz o seu doutoramento em Matemática, e os ex-mestrados pela Unicamp, Niusa Marigheto, doutoranda em física e Carlos da Fonseca, recém-chegado a Oxford para obter seu PhD em Ecologia.

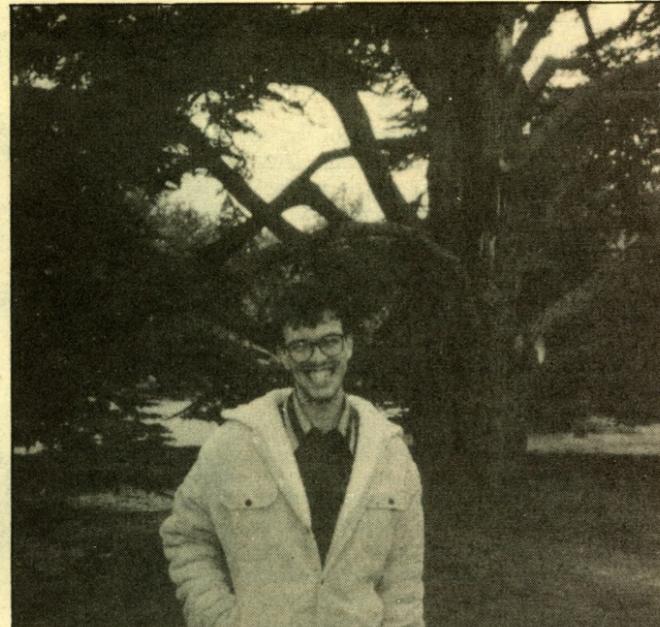
Dos bancos de Oxford saíram 24 ganhadores do Prêmio Nobel e 24 outros ex-alunos tornaram-se primeiros-ministros da Grã-Bretanha. O trabalho do corpo docente formado por 1.400 pesquisadores distribuídos nos 35 Colleges da instituição, com seu tradicional sistema tutorial na relação professor-aluno, tem contribuído para manter o seu nível de excelência.

A biblioteca Bodleian, com seis milhões de volumes, representa uma fonte de referências inestimável para os trabalhos acadêmicos e pesquisas desenvolvidas na Universidade. Foi fundada em 1602. É a biblioteca mais antiga da Europa. Só perde em tamanho para a biblioteca Britânica. Além dos laboratórios bem equipados, Oxford, com sua tradição na área de artes, oferece uma rica e dinâmica vida cultural.

Niusa Marigheto, 32 anos, depois de graduar-se em Biologia, fez seu mestrado em Biofísica na Unicamp, sob o orientação do professor Inácio Vasconcelos. Em Oxford, no reputadíssimo Laboratório Clarendon, Niusa vem trabalhando desde abril de 1989 na área de ótica e semicondutores. Depois de um período inicial



Niusa no Laboratório Clarendon: semicondutores.



Carlos em Oxford, dias após sua chegada à Inglaterra.

de adaptação à cultura e à língua inglesa, Niusa acredita que está aproveitando ao máximo o potencial que a instituição lhe oferece.

“Aqui as coisas funcionam bem e a informação científica circula rápido. Os professores não são apenas acadêmicos ou pesquisadores, mas formadores. Eles dão espaço para os alunos irem construindo suas próprias carreiras. Ajudam no desenvolvimento de nossos trabalhos e o sistema tutorial atende amplamente as nossas necessidades”, diz ela.

No laboratório de física, Niusa divide equipamento com três estudantes. Tem conta de xerox ilimitada e acesso irrestrito à literatura. Em abril de 1993 deve retornar ao Brasil, país onde, “apesar dos problemas, aprendi pra caramba. Confesso, no entanto, que vou sentir falta das facilidades de Oxford e da Inglaterra. Aqui a sociedade funciona”, garante.

Márcio Rosa, 31 anos, é professor do departamento de Matemática Pura do Instituto de Matemática, Estatística e Ciência da Computação (Imecc) da Unicamp. Apesar de já ter obtido o doutoramento em Física na própria universidade, orientado pelo físico Waldir Rodrigues, resolveu fa-

zer um novo doutorado na Inglaterra, desta vez em Matemática. Sua formação diversificada permite-lhe desenvolver em Oxford um trabalho onde analisa as relações da física teórica com geometria e topologia.

Embora tenha enfrentado problemas de adaptação, Márcio está muito entusiasmado com o seu atual ambiente de trabalho. “Em Oxford, a força do acadêmico é grande. O grupo multidisciplinar de pesquisa é singular, muito forte, tanto em física quanto em matemática. Atrai gente de vários lugares do mundo. O nível cultural dos professores e dos colegas é excelente, o que torna o aprendizado e a troca muito profícua”, observa.

Como Niusa, o professor Márcio elogiou o sistema tutorial no qual vê uma seriedade e um profissionalismo muito grande. “O respeito ao indivíduo que está começando é notável. O sistema de orientação é efetivo”. Exatamente por perceber nitidamente as diferenças existentes em Oxford e o sistema universitário brasileiro, Márcio acredita que, para o Brasil, o sistema vigente é adequado a sua realidade e a formação acadêmica bastante razoável nas boas universidades. “Aqui faz-se

mais pesquisa. No Brasil é importante ser também professor. Não se pode mudar as coisas de uma hora para outra. As alterações devem evoluir de acordo com as necessidades de cada país”, pondera. Márcio está na Inglaterra desde 1989 e retorna à Unicamp no primeiro semestre do próximo ano.

Enquanto Márcio e Niusa começam a “fechar” suas teses e arrumam as malas para voltar ao Brasil, Carlos da Fonseca acaba de chegar em outubro. Ele fez seu mestrado em ecologia de formigas com o professor Woodruff Benson, do Instituto de Biologia da Unicamp. Está cheio de sonhos, com muitos planos e expectativa para os três anos que ficará em Oxford.

Carlos espera que seu doutorado em ecologia de formigas, no College Lady Margaret, represente um investimento decisivo para sua formação e a abertura futura de portas no Brasil. Até lá, pretende aproveitar todas as conveniências que uma universidade com a tradição e o nome de Oxford oferece, inclusive sua vasta vida cultural, cujo clima e atividades se integram no cotidiano da cidade. (Graça Caldas, de Londres)

Ingleses usam imaginação frente à crise

Universidades buscam ampliar recursos repassando sua tecnologia.

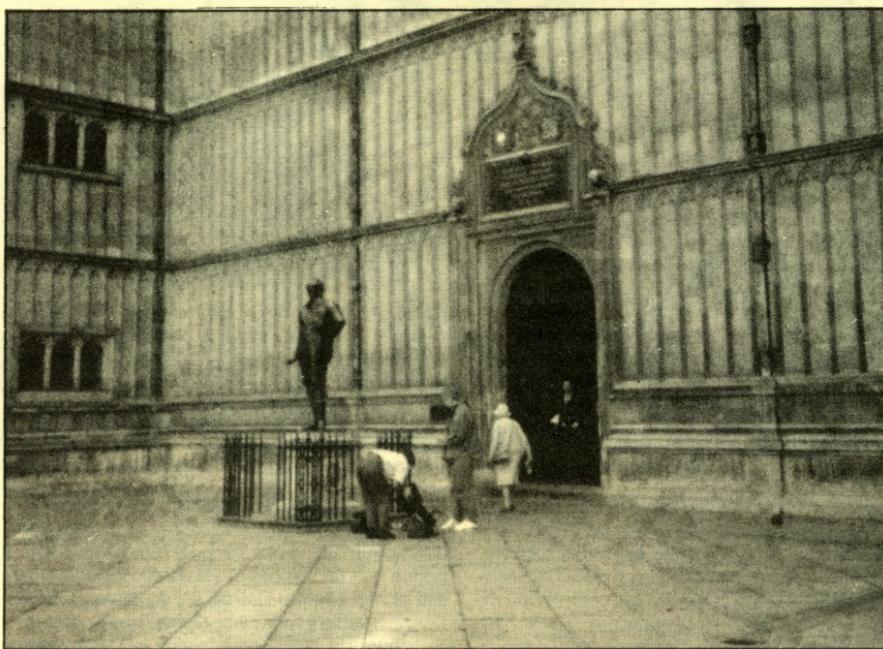
A crise econômica das universidades não é privilégio brasileiro ou do terceiro mundo. Instituições seculares do Reino Unido, como Oxford, com uma solidez conferida por seus 800 anos de história, não parece ser suficiente para deixá-la de fora do quadro internacional de recessão, que atinge indistintamente instituições do ensino superior do mundo inteiro.

Diante desse cenário até então imprevisível, as universidades inglesas buscam novas saídas para a arrecadação de recursos. As campanhas assumem as mais variadas feições e ultrapassam as fronteiras geográficas. Além disso, investem numa interligação cada vez maior com o setor produtivo.

Embora a Grã-Bretanha orgulhe-se de ser apontada pelo seu grande número de prêmios Nobel, que ultrapassa até mesmo os Estados Unidos, sua performance no sistema produtivo, de acordo com os especialistas ingleses, não tem sido comparável a suas conquistas acadêmicas. Decorrem daí as tentativas cada vez mais ousadas de aproximação dos laboratórios universitários das indústrias.

Redução de recursos

A crise por que passa o sistema universitário britânico é fruto, em grande parte, da queda dos investimentos públicos no setor. Entre 1985 e 1989, os recursos governamentais destinados a pesquisa e desenvolvimento sofreram uma queda de 5,3%. No mesmo período, o Japão ampliou seus investimentos em 10,1%, os Estados Unidos em 17,2% e a Espanha deu um salto de 63,2%. Paralelamente, os gastos em P&D com o parque industrial britânico



Pátio interno do Queen's College, em Oxford.

permaneceram estáticos entre 1985 e 1988.

A situação crítica por que passa a pesquisa na Grã-Bretanha tem sido objeto de alerta de diferentes entidades vinculadas à área de ciência e tecnologia. Esses organismos vêm se mobilizando no sentido de ampliar os atuais 1,8% de investimentos do Produto Nacional Bruto em C&T para os 2,7% da Alemanha.

Como o Brasil, a política nacional de C&T é amplamente debatida entre os ingleses, quer no Parlamento quer nas sociedades científicas. Vem também ganhando corpo na sociedade civil. A preocupação se estende ainda aos bancos das escolas primárias e secundárias, cujo ensino vem passando por uma grande reformulação oficial.

O mesmo tema foi incorporado pela campanha política dos trabalhistas, lidera-

dos por Neil Kinnock, que pretende substituir John Major nas próximas eleições gerais. Os trabalhistas propõem a ampliação dos atuais 1,8% de recursos do PIB para P&D para 2,5%. Se concretizada, essa diferença representaria um acréscimo nada desprezível de 385 milhões de libras esterlinas na área — cerca de US\$ 650 milhões.

Estratégias

As reduções sistemáticas dos recursos públicos no sistema de ensino superior britânico fizeram com que várias instituições inglesas iniciassem campanhas com vistas a alargar sua independência orçamentária. A Universidade de Oxford, por exemplo, foi obrigada a reduzir seus gastos em pelo menos 11% nos próximos cinco anos. Em igual período, planejou uma campanha in-

ternacional visando à arrecadação de 220 milhões de libras — cerca de US\$ 374 milhões.

O Imperial College, órgão da Universidade de Londres voltado para as áreas de ciência, tecnologia e medicina, acaba de lançar, em agosto último, o plano de desenvolvimento do Imperial Park. Trata-se de um projeto ambicioso, a ser completado até março de 1993, onde 60 hectares de terra serão transformados num centro de transferência de tecnologia para as indústrias.

A região escolhida para esse empreendimento foi Wales (País de Gales), vizinho da Inglaterra, que já reúne características especiais. Lá estão instaladas centenas de empresas internacionais do porte das americanas Ford, Borg Warner, Kimberly Clark, a Bosch alemã, a Tetrapak escandinava ou as japonesas Toyota, Sony, Panasonic, Bhoother, Sharp, Aiwa e Matsushita.

Com o projeto do Imperial Park em Wales, a instituição pretende ampliar suas relações com o setor industrial e transformar-se no principal centro mundial de pesquisa, desenvolvimento e repasse de tecnologia. A experiência acumulada nos últimos 15 anos de projetos conjuntos com a indústria e a sua reputação internacional na área tecnológica foi o mote principal do Imperial College ao se colocar diante desse novo desafio.

A campanha da Universidade de Oxford, lançada oficialmente em outubro de 1988 com o objetivo de arrecadar uma soma de 220 milhões de libras — US\$ 370 milhões em cinco anos — alcançou em agosto último, em apenas três anos do seu lançamento, 198 milhões de libras. Diante deste resultado, a Universidade resolveu ampliar seu alvo em 50%, passando-o para 340 milhões de libras — US\$ 580 milhões. Ao mesmo tempo, estendeu o prazo da campanha por mais um ano, até 1994. (Graça Caldas, de Londres)

EM DIA

Formatura — No próximo dia 3 a Unicamp lançará no mercado de trabalho cerca de 580 novos profissionais. Procedentes de 27 cursos das áreas de Humanas, Exatas, Biológicas e Tecnológicas, os formandos participarão da solenidade de formatura, que será realizada às 20 horas no Ginásio Multidisciplinar. Os alunos receberão certificado definitivo no ato da solenidade — prática pouco comum entre as universidades brasileiras, que em geral emitem seus diplomas vários meses após a conclusão dos cursos. A solenidade, que será presidida pelo reitor Carlos Vogt, terá como patrono Otávio Frias Filho. O aluno André Pereira César, do curso de Ciências Sociais, será o orador. O juramento será feito pela aluna do curso de Artes Cênicas, Gisleine Silvana Gasparetto. Na oportunidade, haverá apresentação da Orquestra da Unicamp sob a regência de Helena Starvinsk.

BAE — A Biblioteca da Área de Engenharia (BAE), primeira específica a ser implantada na Unicamp, está funcionando provisoriamente no 2º piso da Biblioteca Central (BC). Reunindo livros, teses e periódicos das áreas de Engenharia Elétrica, Mecânica, Química e Civil, a BAE objetiva oferecer à comunidade um aumento da quantidade de informação disponível e a melhoria da qualidade dessas informações para dinamizar seu uso. Numa próxima fase as bibliotecas da Faculdade de Engenharia Agrícola (Feagri), da Faculdade de Engenharia de Alimentos (FEA) e do Centro de Tecnologia (CT) também serão absorvidas pela BAE.

BOLSAS

Jovem cientista — As inscrições para o Prêmio Jovem Cientista 1991 foram prorrogadas até o dia 31 de janeiro de 1992. O tema escolhido pela Fundação Roberto Marinho, Grupo Gerda e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) foi "Gerenciamento da qualidade: o caminho para a modernização". O Prêmio tem duas categorias: Graduados (G), para pesquisadores de nível superior com até 40 anos e Estudantes (E), para alunos de escolas técnicas ou de cursos superiores. Podem concorrer trabalhos que tratem da implantação de um padrão de qualidade nas empresas. As inscrições estão abertas até o dia 31 de janeiro no CNPq (Prêmio Jovem Cientista — Caixa Postal 6186 — Cep 70.740 — Brasília-DF, telefones (0152) 30-2936 ou (021) 273-3377 ramais 23 ou 56. A entrega do trabalho caracteriza a inscrição no Prêmio Jovem Cientista.

LIVROS

Poética e visualidade - uma trajetória da poesia brasileira contemporânea, de Philadelpho Menezes. O livro discorre, como tema central, sobre a incorporação da visualidade à poesia de modo pragmático e preponderante, em manifestações variadas da vanguarda introduzida na literatura brasileira no início da década de 50 com a espacialização do verso pela página. O autor desenvolve uma análise diacrônica que divide o percurso dessa poética em três momentos: o concretismo, a poesia sem palavras da década de 60 e a chamada poesia da imagem visual, dos anos 70 e 80. Editora da Unicamp, 198 páginas, Série Viagens da Voz.

Lição de português - tradição e modernidade no livro escolar, de José Roberto Reis Perez. O livro discute basicamente o problema da rejeição ou aceitação do livro didático nas escolas de 1º e 2º graus. Reis Perez, pesquisador em política educacional do Núcleo de Estudos de Políticas Públicas (NEPP) da Unicamp, desenvolve uma análise sobre o confronto existente entre os que defendem o manual didático por ser instrumento facilitador do trabalho do professor em sala de aula e do estudo do aluno, e os que rejeitam com base na chamada análise crítica, se propondo a desmitificar o seu papel de reproduzidor ideológico. Editora da Unicamp/Editora Cortez.

Processo do processo, de Benedicto Campos Vidal. O autor não se propõe a discutir sistemas filosóficos, muito menos esmiuçar obras deste ou daquele filósofo. No livro Vidal — professor do Instituto de Biologia (IB) da Unicamp — propõe-se a mostrar o pensamento, o nascimento e evolução e as proposições que desta possam eclodir. Campos Vidal fala da importância dos instrumentos e métodos utilizados

VIDA NIVERSITÁRIA

nos trabalhos científicos, a lógica da formação de conceito e o processo e o pensamento dentro do processo. Discute ainda a questão do conhecimento, o seu uso e a ética de um modo geral. Editora Átomo.

Argumentação e polifonia na linguagem, de Soeli Schreiber da Silva. Da Coleção Teses, a obra levanta hipótese sobre o estatuto gramatical do morfema "aliás". A autora, docente da Unicamp, inicia sua abordagem considerando basicamente os trabalhos do lingüista Oswald Ducrot. O referido morfema é um modalizador da linguagem, responsável pelas explosões da lógica em múltiplas e várias lógicas, inclusive a poética. Soeli compara o "aliás" com "na verdade", "de fato", "com efeito", "além disso", "até mesmo". Editora da Unicamp.

A holarquia do pensamento artístico, de Paulo Laurentiz. Falecido no primeiro semestre do ano passado, o ex-professor do Instituto de Artes (IA) propôs nesta obra a compreensão do pensamento artístico como uma manifestação de atos cognitivos independentes que se integram, constituindo algo uno e integrado ao fim de suas ações individuais. O autor analisa a arte e a sincronicidade, o pensamento da arte como manifestação de uma consciência sintética, a materialização do trabalho artístico desde as operações artesanais da escultura, modelagem e fundição até a produção do ciclo eletrônico e os audiovisuais. Editora da Unicamp.

Morte materna. Uma tragédia evitável, de Aníbal Faundes e José Guilherme Cecatti. Cerca de meio milhão de mulheres morre anualmente no mundo durante a gravidez, em decorrência de hipertensão, infecções, hemorragia, aborto e cesariana. A maior parte das mortes poderia ser evitada através de medidas simples de saúde pública, educação e nutrição. Os autores deste livro abordam a questão da morte materna, explicando com gráficos e índices os motivos dos óbitos. Ambos são docentes do Departamento de Tocoginecologia da Faculdade de Ciências Médicas (FCM) da Unicamp e na obra apresentam uma coletânea de textos de pesquisadores nacionais. Em linguagem simples, o livro é destinado aos profissionais envolvidos com atenção à saúde materno-infantil e ao público em geral. Editora da Unicamp.

Representações sobre saúde e doença - Agentes de cura e pacientes no contexto do Sudeste, de Marcos de Souza Queiroz. O livro é resultado de uma pesquisa desenvolvida na cidade de Paulínia, entre 1987 e 1988. Focaliza as estratégias e os métodos relativos à saúde e à doença utilizados por famílias de trabalhadores daquela cidade. O autor do trabalho é pesquisador do Núcleo de Estudos de Políticas Públicas (NEPP). Editora da Unicamp.

Mulher, trabalho e amamentação, de Ellen E. Hardy e Maria José Dias. Pesquisadoras do Centro de Pesquisas e Controle das Doenças Materno-Infantis de Campinas (Cemicamp), elas abordam a legislação e a prática do aleitamento materno. Esclarecem as mulheres sobre os seus direitos trabalhistas quanto à amamentação. Traçam, ainda, uma breve história da prática do aleitamento materno em diversas culturas. Editora da Unicamp.

Ariel, de José Enrique Rodó, tradução de Denise Bottmann. Publicado pela primeira vez há 91 anos, o livro é um ensaio reflexivo sobre as possibilidades de modernização da sociedade na América Latina. O autor, uruguaio, defende a tese de que as nações latino-americanas podem se beneficiar melhor das contribuições europeias, em contraposição com as norte-americanas. Editora da Unicamp.

Discurso indígena: a materialidade da língua e o movimento da identidade, de Eni Orlandi (org.), Tânia Clemente de Souza e Marília Facó Soares. O livro é resultado de um trabalho onde as autoras, partindo do princípio de que não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia, procuram desvendar o mito de que o índio não tem ideologia. O estudo de línguas tem sido feito, segundo as autoras, por etapas, pautadas por estratégias trazidas pela lingüística. Editora da Unicamp.

TESES

Ciência da Computação

"Métodos universais de compressão de dados" (mestrado). Candidata: Fabiola Gonçalves Pereira de Souza. Orientador: professor Cláudio Leonardo Lucchesi. Dia 16 de dezembro.

"Paralelismo e sincronização em laços" (mestrado). Candidato: Eduardo Voigt. Orientador: professor Jairo Panetta. Dia 17 de dezembro.

"Uma modelagem e implementação do princípio de múltiplas visões com reatividade em C++" (mestrado). Candidato: Daniel Tavares Correia Xavier. Orientador: professor Hans Kurt Edmund Liesenberg. Dia 18 de dezembro.

"Um processo de síntese de sistemas reativos" (mestrado). Candidato: Antonio Gonçalves Figueiredo Filho. Orientador: professor Hans Kurt Edmund Liesenberg. Dia 18 de dezembro.

"Análise de métodos de acesso a dados espaciais aplicados a sistemas gerenciadores de banco de dados" (mestrado). Candidato: Frederico Sidney Cox Júnior. Orientador: professor Geovane Cayres Magalhães. Dia 9 de dezembro.

"Uma interface de comunicação para um ambiente de reestruturação de programas" (mestrado). Candidato: Bruno Muller Júnior. Orientador: professor Jairo Panetta. Dia 20 de dezembro.

Economia

"Determinantes de ordem política e institucional na formulação e implementação de políticas públicas: um estudo do programa estadual de unidades intermediárias em Minas Gerais" (doutorado). Candidato: Ildimar Cruz Aires. Orientador: professor Carlos F.T.M. Ribeiro Lessa. Dia 9 de dezembro.

"Processo de descentralização: práticas educacionais do Estado de São Paulo" (doutorado). Candidata: Maria José Birraque. Orientadora: professora Liana M.L.A. Silva. Dia 9 de dezembro.

"Transporte, ocupação do espaço e desenvolvimento capitalista no Brasil: história e perspectivas" (doutorado). Candidato: Jorge Luiz Alves Natal. Orientador: professor Wilson Cano. Dia 13 de dezembro.

"Processos de industrialização tardia: o paradigma da Coréia do Sul" (doutorado). Candidato: Otaviano Canuto dos Santos. Orientador: professor Wilson Cano. Dia 17 de dezembro.

"Estrutura de mercado e estratégias empresariais: o desempenho da eletroquímica brasileira e suas possibilidades futuras de inserção internacional" (doutorado). Candidato: Oswaldo Ferreira Guerra. Orientador: professor Wilson Suzigan. Dia 18 de dezembro.

Química

"Síntese total e estereosseletiva do (+)-invictolídeo, feromônio de reconhecimento da formiga *Solenopsis invicta*" (doutorado). Candidata: Maria Márcia Murta. Orientador: professor Ronaldo Aloise Pilli. Dia 10 de dezembro.

"Extração e complexação por fase única. Estudo do comportamento de Be(II), L(III), V(V), V(IV), Nb(V) e Bi(III) no sistema água-etanol-metilisobutilcetona" (doutorado). Candidato: Gilberto Luiz Jardim P. da Silva. Orientador: professor José Walter Martins. Dia 11 de dezembro.

"Estudos de RMN de ¹H 13C de cicloexano-heterosubstituídas" (doutorado). Candidato: Ernani Abicht Basso. Orientador: professor Roberto Rittner Neto. Dia 12 de dezembro.

"Monitoramento da fermentação da D-glicose pela *Saccha romyces Cerevisiae* por microcalorimetria de fluxo" (mestrado). Candidata: Carmen Silvia Rincon Fazzani. Orientador: professor Pedro Luis Onofrio Volpe. Dia 12 de dezembro.

"Sistemas automatizados empregando resina de troca iônica para determinação dos íons amônio, cloreto e sulfato em água natural" (doutorado). Candidata: Marina Menezes Santos Filha. Orientador: professor Boaventura Freire dos Reis. Dia 16 de dezembro.

"Determinação dos tensores polares de CH₂CL₂/CD₂CL₂ e os clorofluor carbo-

nos" (doutorado). Candidato: João Bosco Lucena de Oliveira. Orientador: professor Roy Edward Bruns. Dia 20 de dezembro.

Educação

"Movimentos sociais ocorridos no período de 1983 a 1990 nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro, e noticiados na grande imprensa" (mestrado). Candidata: Samira Kauchakje. Orientador: professor Salvador Antonio Sandoval. Dia 18 de dezembro.

Engenharia de Alimentos

"Concentrado de tomate auto-estável pelo efeito combinado da atividade de água e acidez" (mestrado). Candidata: Denise Calil Pereira Jardim. Orientador: professor Theo Günter Kieckbusch. Dia 13 de dezembro.

"Purificação do ácido láctico através de extração líquido-líquido" (doutorado). Candidata: Accacia Julia Guimarães Pereira. Orientadora: professora Maria Ângela de Almeida Meirelles Petenate. Dia 16 de dezembro.

"Extração com dióxido de carbono líquido subcrítico de óleo essencial de pimenta-do-reino" (mestrado). Candidata: Sandra Regina Salvador Ferreira. Orientadora: professora Maria Angela de Almeida Meirelles Petenate. Dia 19 de dezembro.

Engenharia Mecânica

"Efeito do nióbio sobre o processamento austenítico e a transformação para erlita em aços eutetóides" (doutorado). Candidato: Sérgio Norifumi Doi. Orientador: professor Paulo Roberto Mei. Dia 12 de dezembro.

Geociências

"Panorama da indústria de rochas ornamentais e oportunidades para o Ceará" (mestrado). Candidato: Luiz de Almeida Melo Jr. Orientador: professor Luiz Augusto Milani Martins. Dia 13 de dezembro.

"Novas qualificações para cargas e aditivos minerais, repercussões na indústria extrativa mineral e efeitos econômicos adjacentes" (mestrado). Candidata: Hilda Renck Teixeira. Orientador: professor Raul B. Suslick. Dia: 20 de dezembro.

Humanas

"Estrangeiro em sua própria terra: representações do trabalhador acional - 1870-1920" (mestrado). Candidata: Márcia Regina Capelari. Orientador: professor Robert Wayne Andrew Slenes. Dia 9 de dezembro.

"O pensamento e ideologia na obra de Oliveira Viana" (mestrado). Candidata: Maria Dolores Prades Viana. Orientador: professor Caio Navarro de Toledo. Dia 9 de dezembro.

"O quintal da fábrica" (mestrado). Candidata: Anicleide Zequini Rossi. Orientadora: professora Maria Clementina Pereira Cunha. Dia 9 de dezembro.

"O imaginário do Sertão. Lutas e resistências ao domínio da Companhia Mate Laranjeira (Mato Grosso: 1890-1945)" (mestrado). Candidata: Isabel Cristina Guillen. Orientador: professor Alcir Lenharo. Dia 9 de dezembro.

Matemática

"Separação de variáveis e o determinante de Stackel" (mestrado). Candidata: Elizabete Romão Martins. Orientador: professor Edmundo Capelas de Oliveira. Dia 20 de dezembro.

Medicina

"Reforma da reforma: repensando a saúde" (doutorado). Candidato: Gastão Wagner Sousa Campos. Orientadora: professora Ana Maria Canesqui. Dia 9 de dezembro.

"Estudo Endoscópico do óstiointranasal no pós-operatório de acriocistorrinotomia externa e influência do uso de solução fisiológica e me 5-fluoro-uracil" (doutorado). Candidata: Marilisa Nano Costa. Orientador: professor Newton Kara José. Dia 11 de dezembro.

"Processo de somatização na adolescência" (mestrado). Candidata: Sueli Cabral. Orientador: professor Mauricio Knobel. Dia 13 de dezembro.

"Efeito do grau de coerência da luz laser na cicatrização de lesão cutânea experimental" (doutorado). Candidato: Jorge Rizzato Paschoal. Orientadora: professora Ester Maria D. Nicola. Dia 13 de dezembro.

"Um tratamento para a loucura: contribuição à história da emergência da prática psiquiátrica no Estado de São Paulo" (mestrado). Candidata: Lygia Maria de França Pereira Urquiza. Orientador: professor Issac Germano Karniol. Dia 13 de dezembro.

Em defesa da Mata Atlântica

Ambientalistas de 14 estados reúnem-se na Unicamp.

Santuário ecológico da humanidade e uma das sete formações de florestas tropicais da Terra, a Mata Atlântica será a bandeira dos ambientalistas da Unicamp na Eco 92 — a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, que será realizada de 1º a 12 de junho, no Rio de Janeiro. Pesquisadores e técnicos ambientalistas de 14 unidades da federação — integrantes do consórcio que visa a manter as áreas remanescentes e recuperar a mata — estarão carregando a mesma bandeira. Os pormenores para a apresentação, na Conferência do Rio, dos trabalhos desenvolvidos sobre a floresta tropical mais agredida e, portanto, mais ameaçada de extinção, foram definidos na Unicamp durante o "Seminário nacional da reserva da biosfera da Mata Atlântica", ocorrido em dezembro.

Pesquisas junto às populações tradicionais da Mata Atlântica, experiências em defesa da preservação de espaços geoambientais, dos recursos marinhos e ainda a recuperação de áreas degradadas foram algumas das questões apresentadas pelos cientistas. Somados, os diversos trabalhos representam um projeto inovador por envolver a preservação de áreas com grande densidade populacional. Esta é a avaliação do representante da Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Tecnologia (Unesco) para o Brasil, Miguel Angel Enriquez, que participou das reuniões.

O evento reuniu também representantes de entidades ambientalistas e de organismos internacionais. O material organizado durante o seminário deverá ser publicado e distribuído não apenas aos participantes, mas também aos órgãos públicos e organismos internacionais. Segundo o reitor da Unicamp, Carlos Vogt, eventos como esse, que visam encontrar solu-



Aspecto de reunião plenária dos ambientalistas na Unicamp em dezembro passado.

ções menos formais e mais eficientes, apresentam o esforço de uma comunhão generosa como poucas existentes.

O seminário foi organizado pela Unicamp e pelo Consórcio Mata Atlântica. Coordenado pelo arquiteto José Pedro de Oliveira Costa, o consórcio é uma entidade de interestadual dos governos dos estados que têm remanescentes da Mata Atlântica e da qual fazem parte as secretarias de Meio Ambiente e o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama). De acordo com En-

riquez, a Unesco participa com a cooperação técnica e científica aos programas desenvolvidos em áreas que reúnem condições para serem declaradas reservas da biosfera. Atualmente são cerca de 300 reservas de biosfera em 75 países e funcionam como centros de monitoramento, de pesquisas, de educação ambiental e gerenciamento de ecossistemas, e ainda como centros de informações e desenvolvimento profissional de técnicos.

Para o reitor Carlos Vogt, a reserva da biosfera da Mata Atlântica é um projeto

prioritário, a nível nacional e internacional, com estratégias pedagógicas enquanto projeto piloto, na medida em que formará recursos humanos e mentalidade para a criação de outras reservas. A participação da Unesco tem sido fundamental, pois a Mata Atlântica é hoje o ecossistema mais ameaçado de extinção no Brasil. Desde a formação do consórcio e com a aprovação de uma das quatro fases do programa de biosfera da Mata Atlântica, o Banco Mundial já destinou US\$ 40 milhões para os projetos desenvolvidos numa área que abrange três milhões de hectares. (C.P.)

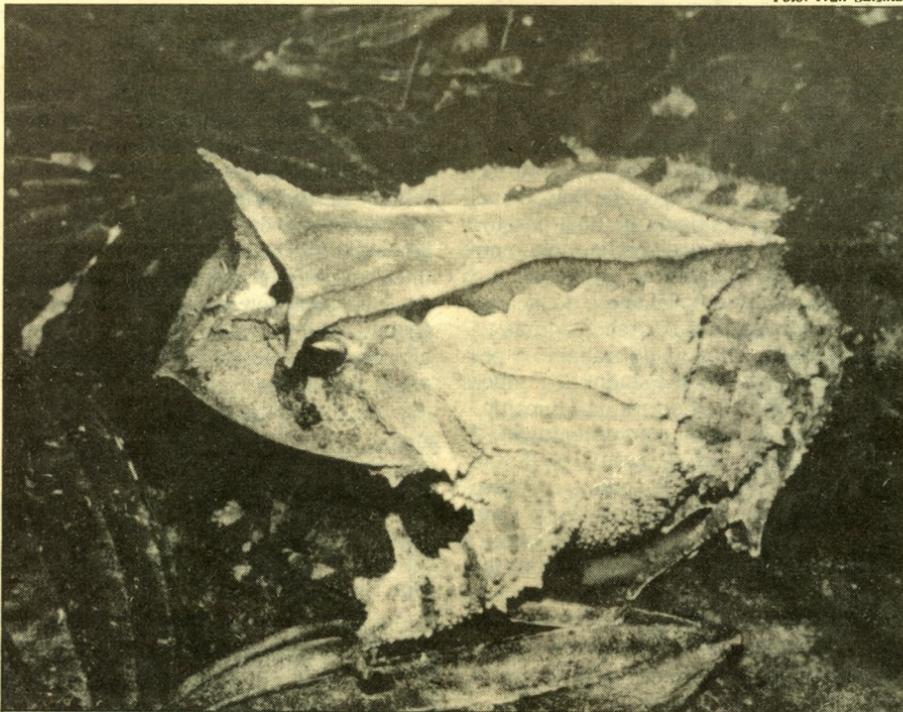
Devastação da costa ameaça ecossistema

Em cinco séculos, floresta foi reduzida a 0,3% da área original.

O extrativismo do ouro e do pau-Brasil pelos colonizadores europeus, o plantio da cana-de-açúcar e do café, aliados à construção de estradas de ferro para o escoamento desses produtos, são apontados como alguns dos principais motivos para a devastação da Mata Atlântica, hoje ocupada por extensos agrupamentos urbanos e, conseqüentemente, sufocada pela poluição industrial. Na época do descobrimento do Brasil, no entanto, a floresta atlântica recobria toda a costa leste do continente sul americano. Eram um milhão de quilômetros quadrados, ou 12% do território brasileiro. Em cinco séculos ela ficou reduzida a 0,3% de sua área original, que é menos de 4% das terras do Brasil ou o equivalente a 25 mil quilômetros quadrados. O resultado da devastação desse espaço, considerado tesouro científico mundial, é que diversas espécies de animais e plantas encontram-se também em extinção, fenômeno do qual não escapam as tradicionais comunidades indígenas e de caiçaras, com suas culturas peculiares.

No rastro da ocupação pelo homem em busca de riquezas, a área mais devastada foi o Nordeste, onde hoje resta apenas 0,1% da mata original. A província florestal atlântica, que compreende a faixa entre Natal (Rio Grande do Norte) e Osório (Rio Grande do Sul), atualmente é mais contínua nos Estados de São Paulo e Paraná. Nesses locais a mata acabou favorecida pela topografia íngreme, dificultando a abertura de picadas ou a derrubada de árvores para o plantio agrícola.

Caracterizada por florestas densas ao longo do litoral e sob a influência de condições climáticas peculiares devido à proximidade do mar, essa cobertura florestal diversificada em sua constituição tanto fitofisionômica como florística, há cinco séculos estendia-se para o interior do país. Cobria a quase totalidade do Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Santa Catarina, além de trechos de Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Mato Grosso do Sul. Era uma imensa e heterogênea floresta, com extensões até a Argentina e o Paraguai. Hoje está não só reduzida como fragmentada e entre



O sapo *Proceratophrys*, parte do ecossistema de Paranapiacaba (SP).

seus remanescentes mais pesquisados em São Paulo estão a Serra do Mar, a Serra do Japi e a Mata Santa Genebra, em Campinas.

Um de seus pesquisadores é o especialista em botânica Hermógenes de Freitas Leitão Filho, coordenador do Parque Ecológico da Unicamp. Ele explica que a Mata Atlântica se diferencia de outras florestas "por estar numa região superúmida e de clima quente, sendo considerada floresta tropical verde o ano todo, ao contrário das matas do interior que perdem as suas folhas no inverno. Como a Mata Atlântica desfruta de clima bem ameno, torna-se mais alta e exuberante que as demais", descreve Hermógenes.

Efeito dominó

Pela ação devastadora do homem, a Mata Atlântica é um dos ecossistemas mais ameaçados do mundo. Segundo o biólogo Ivan Sazima, especialista em zoologia e docente do Instituto de Biologia da Unicamp, a devastação provoca o efeito dominó, mais fácil de perce-

ber quando diminui uma população ou se extingue uma espécie que serve de alimento ou que necessita de outro organismo para sobreviver. "Ao se interromper um dos elos o restante começa a se desmanchar", alerta Sazima, também pesquisador da floresta litorânea brasileira.

Os morcegos, exemplifica Sazima, embora perseguidos e discriminados, contribuem para a manutenção ou a regeneração da floresta. Há espécies que polinizam flores como as do ingá, jatobá, maracujá e outras plantas típicas da Mata Atlântica. Sazima revela que, na opinião de alguns cientistas, sem os morcegos frugívoros (alimentam-se de frutos) as florestas tropicais estariam privadas de parte de sua rica flora.

"As espécies frugívoras se alimentam apenas do suco e da polpa das frutas e rejeitam as sementes grandes. Entretanto, as sementes pequenas são ingeridas e, ao voar sobre clareiras, trilhas e outros locais abertos, os morcegos defecam as sementes, que então germinam e assim a floresta se regenera". Esse compor-

tamento, como explica o biólogo, beneficia as áreas derrubadas, queimadas ou desprotegidas de vegetação devido à erosão do solo.

Outro exemplo que ele cita é o da manganava, um tipo de abelha que poliniza a flor, que por sua vez produz o fruto e serve de alimento a um macaco, por exemplo. No processo da interação da natureza, as fezes do macaco são usadas por um tipo de besouro, que ao enterrar as fezes para alimentar as suas larvas faz parte ativa do processo de reciclagem de nutrientes. Aves como sanhaços, arapongas e beija-flores também são importantes na regeneração da floresta e na polinização das flores, da mesma forma que plantas como as bromélias e até mesmo os peixes de pequeno porte têm o seu papel a cumprir na reciclagem de alimentos de um ecossistema, relata Sazima. Para ele a defesa da floresta deve ser vista numa perspectiva ampla, pois "não é só uma questão de conservação, mas de qualidade de vida".

Fauna e flora em extinção

Os pesquisadores não duvidam que a fauna e a flora da Mata Atlântica sejam mais ricas e diversificadas do que as da floresta Amazônica, porém bem menos conhecidas. Sazima acredita que parte desse desconhecimento se deva à riqueza de espécies que, por essa característica, formam populações de baixa densidade. Outro aspecto é o terreno acidentado no qual se preservou o que resta da Mata Atlântica, que dificulta o acesso para estudos, mas evita que a mata seja ainda mais dizimada. O terreno íngreme, por outro lado, propicia o endemismo — quando uma determinada espécie é encontrada apenas naquele local. Um dos exemplos típicos de organismo da Mata Atlântica é o sapinho de chifre, que se parece com as folhas mortas que recobrem o chão da floresta.

Recentemente, o Ibama constatou que 171 das 202 espécies de animais em extinção vivem na Mata Atlântica. São sete espécies de primatas, grandes mamíferos como a anta, aves silvestres como o macuco e papagaios. O botânico Hermógenes de Freitas Leitão Filho diz que entre as espécies ameaçadas da flora estão as orquídeas, típicas da floresta atlântica. No entanto, não são apenas os animais e as plantas que correm o risco de desaparecer. Existem as comunidades de caiçaras e indígenas que deixariam de existir se não for controlada a devastação das matas, de onde saíram os folclóricos saci e curupira, além de outros mitos da cultura brasileira. (C.P.)

Foto: Ivan Sazima